Cinearte

ANNO VII N. 263

BRASIL, RIO DE JANEIRO, 11 DE MARÇO DE 1931

Preço para todo o Brasil 1$000

FRED MOULIN

JANET GAYNOR

Cinearte

JOAN CRAWFORD E ROBERT MONTGOMERY EM "OUR BLUSHING BRIDES".

PASSAMOS para as nossas columnas a representação feita ao Chefe de Policia pela Sociedade Nacional de Educação. E' documento que deve ser lido e meditado por todos.

Durante muitos annos foi a nossa voz isolada que se levantou para solicitar a attenção dos poderes publicos sobre esse assumpto. Hoje é um coro já.

Nem uma opportunidade melhor do que agora para o governo legislar sobre a censura, armando o poder publicos dos meios de defender a formação moral das novas gerações.

Mas para que novos commentarios? Que accrescentar ás linhas que seguem?

"Não ha um só coração bem formado, não ha uma só consciencia justa que não se revolte contra o espectaculo presenciado aos domingos mesmo nos bairros mais privilegiados desta capital: uma multidão de meninas e meninos enche as salas dos cinemas para verem muitas vezes perpassar na téla scenas excitadoras da lubricidade ou do crime. No momento actual todos os paizes civilisados tomaram energicas providencias a respeito. A Allemanha organisou "bureaux" de censura. Nos Estados Unidos nenhuma fita passa na téla sem que o espectador seja avisado por um letreiro de que ella foi approvada pelo conselho estadual de censura. Ha além disso, no mesmo paiz a influencia poderosa exercida por diversas associações de caracter religioso. Na Inglaterra é um facto indiscutivel que a censura official é ainda mais rigorosa do que nos dois paizes antes referidos.

Sabe-se ainda que ella é estricta na Austria, na Dinamarca, na Suecia, na Noruega, na Hollanda, na Tcheco-Slovaquia, na Italia, na Suissa, no Japão e na Australia.

No Brasil, não. O Brasil, como alguns outros paizes da America do Sul, se tornou o mercado livre no qual as scenas que seriam cortadas em outros logares como indignas de serem vistas mesmo por adultos, são aqui imprudentemente, permittidas á visão das creanças.

Ainda recentemente uma notavel educadora européa que se acha trabalhando em nosso paiz, contava a alguns membros da Associação Brasileira de Educação o desgosto que teve por ter levado, em um domingo, uma menina de dez annos a um cinema de uma das nossas capitaes. O problema é de tal maneira grave que mesmo alguns estrangeiros residentes entre nós se sentem impellidos a nos auxiliar na sua resolução. Uma distincta senhora norte-americana, sabedora de que a Associação Brasileira de Educação estava estudando o assumpto, prometteu procurar os meos de conjugar os nossos esforços com os de algumas associações catholicas dos Estados Unidos.

Sem duvida seria absurdo deduzir das linhas precedentes que a commissão pensa ser nociva a influencia do cinema em nosso meio. O cinema tem desempenhado entre nós uma funcção educadora de extraordinaria importancia, pondo muita gente em contacto com meios e habitos civilisados de que não suspeitavam. Mesmo sob o ponto de vista moral são exhibidas aqui innumeras fitas que exercem uma influencia salutar.

O que combatemos, porém, é a depravação, é o accrescimo de scenas escandalosas que visam mercantilmente salvar do fracasso as fitas desprovidas de gosto artistico. O que desejamos ainda é o conhecimento por parte das familias brasileiras e das autoridades officiaes do Brasil de uma verdade aceita em todos os meios cultos: o crescimento mental é uma lei da natureza e assim, pois, extremamente perigoso sujeitar o cerebro infantil ás mesmas experiencias por que passa o cerebro adulto.

Sobre a censura de peças de theatro e de livros desejariamos dizer aqui apenas uma palavra. A allegação tantas vezes discretamente murmurada de que a obscenidade nas peças theatraes é necessaria no nosso meio para a propria sobrevivencia dos theatros, os quaes, sem ella, se veriam abandonados, é uma insultuosa mentira. O nosso publico tem enchido literalmente, dias a fio, theatros e cinemas em que o espectaculo consiste só de peças e films desprovidos inteiramente de scenas escandalosas. São justamente os "ratés" da profissão que appellam para a pornographia, pela falta de imaginação para crear scenas realmente empolgantes ou comicas, ou pela falta de capacidade para bem interpretal-as.

A censura a livros e peças de theatro torna-se materia litigiosa entre o espirito de moralidade puritanica e o espirito de liberalismo quando se trata de obras de arte nas quaes o autor não julgou dever coarctar a sua inspiração dentro dos limites de determinados assumptos. A censura, porém, que achamos necessaria no Brasil e é feita rigosamente em diversos paizes collocados nas primeiras fileiras da civilisação, se refere ás obras destituidas de valor artistico e destinadas visivelmente á exploração da obscenidade.

Sem duvida disposições do nosso Codigo Penal e disposições regulamentares armam as nossas autoridades, para evitar á exhibição da pornographia. Mas não têm sido cumpridas, é o facto. O momento actual deve ser o momento azado para se reagir contra esse estado de cousas.

Ha em todos os espiritos um anseio para que o Brasil se reerga, não só economicamente, mas tambem moralmente. Tal anseio só se concretisará em realidades, si houver resistencia ferrea á avalanche dos interesses feridos. O homem de bem, o patriota que se acha á frente da nossa administração policial, facilmente comprehenderá que resultarão inuteis todos os esforços feitos nas familias e nas escolas, para fortalecer o caracter da nossa mocidade, si esta encontrar por toda parte, nos cartazes dos muros, nos annuncios de jornaes, nos livros das vitrines, nas canções de carnaval, nos cinemas, nos theatros o pregão de baixa immoralidade.

(Continúa no proximo numero)

CI-NE-MA DO

Plinio Ferraz, de São Paulo, é um desses muitos enthusiastas e crentes de um Cinema bem bonito e bem brasileiro. E' advogado, mas a sua grande causa é o Cinema de nossa terra.

— Não deixa ninguem entrar!

Diz elle ao menino do seu escriptorio.

— Estou numa importante conferencia!

Vae se ver e a conferencia, afinal afinal, é apenas a descripção de um novo film. E' advogado. Mas o *Cinearte* está sempre aberto, na pagina desta secção, ao lado do Codigo Civil... Ha muitos quadros no seu escriptorio, inclusive o classico: "As consultas devem ser pagas no acto", mas a maior quantidade delles é de artistas de Cinema e o Plinio paga bem caro as consultas da sua dedicação pelo Cinema do Brasil...

Só vendo o enthusiasmo doido com que, um dia, appareceu no Rio com o argumento de "A's Armas!" que elle escreveu. Passou-nos um telegramma. E desde a Estação, no taxi, até ao "hall" do hotel, só falava do "Grande Film!" Sentou-se na escada, depois e leu toda a historia do film que tambem principiou a dirigir.

Agora, Plinio Ferraz é o autor, scenarista, director e productor de um novo film. Elle o chamou "A Canção da Felicidade". Cléo Verberena, interessante "estrella" e directora de "O Mysterio do Dominó Preto", vae ser a figura principal. Vamos ver. Nós, afinal, temos muitas esperanças no film. Plinio gosta, estima, ama o Cinema do Brasil.

+ + +

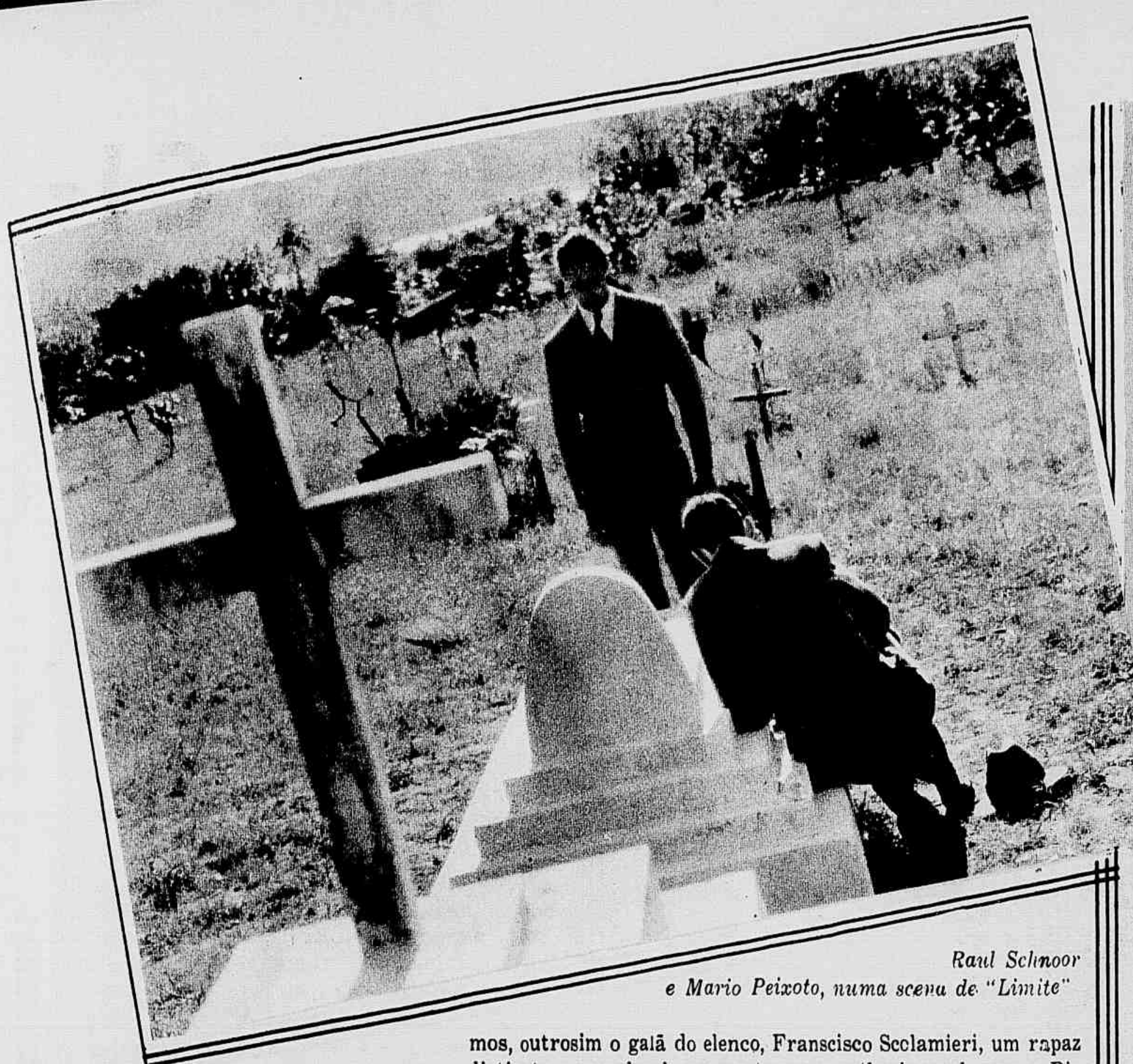
Irene Rudner, actualmente, tem um dos principaes papeis de "Iracema", a nova producção da Metropole Film de São Paulo. Irene, uma das mais queridas entre as nossas "estrellas", é tambem a "estrella" do film "O Campeão", com Reid Valentino e "Vida de José de Anchieta", que José Carrari, operador de "A's Armas!", vae produzir.

+ + +

Absyntho, que antes chamara-se *Alcool*, passou a cha-

Stella Marion e Francisco Scollamieri em "Mocidade Inconsciente" da Gloria Film.

Lucy Jeanette, figura em "Mocidade Inconsciente da Gloria Film.

Visita da Gloria Film ao "Cinédia Studio". Alfredo Lorenzoni, Stella Marion, Humberto Mauro, Lêda Léa, Caetano Matanó, Celso Mon tenegro, Francisco Scollamieri e O. Mendes.

Raul Schnoor e Mario Peixoto, numa scena de "Limite"

LUIZ SORÔA E ERNANI AUGUSTO

BRASIL

mar-se, afinal, *Mocidade Inconsciente*. Trata-se de uma producção da Gloria Film de São Paulo, dirigida por Caetano Matanó, que operou *Rosas de Nossa Senhora* e tem como "estrella", Stella Marion.

Este film que Caetano Matanó confeccionou com todo o seu maior e mais intenso carinho, é todo synchronizado, musicado e tem trechos falados e cantados.

O *unit* todo, depois de concluido os trabalhos de machina, pozse a caminho d- Rio e aqui chegou, esta semana, para gravar toda a parte sonora do mesmo. Feitos, esses mesmos trabalhos, nos Studios da Parlophon, já voltou para S. Paulo todo o conjuncto, sempre guiado pela sympathica e esforçada figura de Caetano Matanó.

Estiveram, todos, em visita ás officinas de "Cinearte" e, em seguida, dirigiram-se ao Studio da "Cinédia" aonde encontraram a companhia de "Mulher..." em trabalhos de filmagem e com a qual fizeram immediata camaradagem, visitando todas as dependencias do mesmo e, em seguida, deixando-se photographar, todos, pelo "stillman" do Studio.

Deu-nos, Caetano Matanó, uma interessante entrevista, que opportunamente publicaremos, outrosim o galã do elenco, Franscisco Scolamieri, um rapaz distincto e agradavel que mostrava-se enthusiasmado com o Rio de Janeiro e cheio de uma grande esperança em rélação ao Cinema do Brasil.

Celso Montenegro e Lêda Léa, que ha minutos haviam regressado de locação, fizeram logo camaradagem com seus collegas da Gloria Film e resto da tarde transcorreu em amistosa palestra.

Do film, ainda, fazem parte Walkyria Moreira, num papel de vampiro, Angelo Lorenzoni, tambem autor das montagens, Lucy Jeanette, bailarina de merito e Antonio Lamarto.

A proxima producção da Gloria Film, disse-nos o seu director, chamar-se-á "O Preço de um Beijo" e ainda não resolveu nada a respeito dos seus futuros artistas.

Celso Montenegro, galã de "Mulher...", film da Cinédia.

O EXPRESSO DA MORTE

(THE GRAYHOUND LIMITED)

FILM DA WARNER BROS.

MONTE BLUE . . . . *MONTE*
Edna Murphy . . . . *Edna*
Grant Withers . . . . *Bill Williams*
Lew Harvey . . . . *O "Rato"*
Lucy Beaumont . . . . *Mrs. Williams*
Ernie Shilds . . . . *Limpy.*

Director: — HOWARD BRETHERTON

Este systema só é bom em films...

"Cala a bocca Monte Blue!"

"Querida, amo-te! Queres ser minha esposa?"

"Edna, vamos ao baile?"

Monte, machinista do expresso Grayhound, é o maior e melhor amigo que Bill Williams tem. Elle mora na casa de Bill e é a razão pela qual a velha mãe de Bill nada teme pelo filho que é foguista do mesmo trem.

Rapaz de temperamento fraco, Bill é facilmente apaixonavel e, para conserval-o no caminho do dever e sem maiores aborrecimentos para sua velha mãe, Monte tem as maiores lutas e as mais tenazes, durante as quaes, mesmo, tem que soffrer, calado, as offensas que lhe diz Bill, em momentos de exaltação, quando não acceita conselho algum e se quer guiar pelo proprio cerebro.

A ultima paixão de Bill é Edna, "garçonette" do restaurante da estrada. Ella o faz consumir seu ordenado todo em presentes, passeios e mais cousas assim sem, todavia, dar-lhe mais animação do que sorrisos e um ou outro olhar mais terno.

Para contentar a mãe de Bill, sempre, Monte, sabendo que Edna não ama Bill e, sim elle mostra-se apaixonada por ella apenas para lhe fazer ciumes, pois é a elle que ella quer, convidal-o para o baile dos ferroviarios. Ella acceita o convite e quando Bill se apresenta e pede-lhe que o accompanhe ao mesmo baile, ella lhe responde, saccamente e sem maiores palavras:

— Não posso, Bill, eu já me comprometti com Monte.

Aquillo, para o rapaz, apaixonadissimo, é o ultimo dos soffrimentos. Não se o vê mais, dahi para diante, até que na noite do baile, depois de muito dansar com ella e notar que realmente é encantadora, Monte acha-se no jardim, gozando as delicias de um luar, quando Bill approxima-se.

— E's um canalha, Monte!

Elle procura afastar o amigo e adverte-o de que não repita a phrase. Diz, ainda, "que a tudo dará uma cabal explicação, mas mais tarde.

— Repito, Monte! E's um ordinario!!!

Era impossivel supportar aquillo. Bill, embriagado, mal se sustem nas pernas. Monte, ao lado de Edna, não se sente com forças para resistir áquellas brutalidades que lhe diz o amigo. Com um rapido e secco murro, arruma-o ao solo e, incontinenti; retira-se em companhia de Edna.

* * *

Dahi para diante, a vida de Bill passa a ser uma miseria. Bebe, desesperadamente e, em pouco, perde o emprego que tem, na estrada e passa a frequentar os peores meios e a andar com os mais afamados desordeiros e malfeitores daquellas redondezas.

Na noite em que Limpy, um seu companheiro, mata o proprietario do bar, entretanto, Bill não se achava ali presente. Conversava com Monte que, sempre afflicto, procurava, por todos os meios, afastal-o daquella roda de pessimos amigos. E' grande a balburdia que a cidadezinha toda soffre e Bill, sempre negando a amisade de Monte, regeita a propria mão que elle lhe offerece e prefere seguir com seus companheiros de mal do que reconhecer as sinceras razões que lhe dá Monte.

Na fuga, quando Monte já se havia afastado de Bill, Limpy procura-o e vendo-o embriagado, põem-lhe, na mão, a garrafa com a qual abrira a cabeça do hollandez, proprietario do bar. Monte, que corre atraz dos desordeiros, ainda consegue ver o "Rato", que foge, mas não pode provar a origem daquella garrafa na mão do amigo e como todos reconhecem ter sido com aquella arma que o hollandez fôra ferido, Bill é preso em flagrante e conduzido á prisão.

Condemnado, tempos depois, por crime de morte, é enviado para a penitenciaria, afim de lá; aguardar a sua execução. Por todos os meios humanos e possiveis, Monte tenta salval-o. Ninguem se convence do que elle affirma, do que elle diz. E' amigo intimo do preso e, portanto, creatura suspeita para affirmar qualquer cousa.

Em uma de suas viagens, entretanto, Monte consegue prender, viajando clandestinos, dois vagabundos que se occultavam sob os wagões e, num delles reconhecendo o „Rato", leva-o á presença das autoridades e accusa-o como um dos autores das desordens daquelle dia e, mesmo, provavel assassino do hollandez. Na policia, "Rato" soffre o terceiro grão, meio mais violento que a policia applica para fazer os criminosos falarem. "Rato", entretanto, a tudo resiste e não confessa. E' detido para maiores soffrimentos, entretanto.

Limpy recebe, de um companheiro de *Rato*, uma intimação para tirar o companheiro daquella enrascada, caso não queira ser denunciado como legitimo autor do crime que vae levar Bill á morte. "Rato", entretanto, occupa-se aquelle momento em assaltar o restaurante aonde trabalha Edna e, sem a ver, pois ella se esconde, quando percebe o grupo invasor, tramam capturar o "Rato" e, para isto, resolvem fazer tombar o trem, o expresso Grayhound, para conseguirem o intento almejado.

Rapidamente, sem ser vista, Edna foge, num automovel e, para avisar Monte, procura o primeiro posto telegraphico que encontra. Lá, é informada de que o expresso já passára e que, naquelle instante, mesmo, devia estar começando a subir a grande montanha.

O plano dos bandidos, entretanto, já começara a ser posto em execução. Elles conseguem esvaziar tres carros de mercadorias e, collocando-os no topo da li-

(*Termina no fim do numero*)

Ella e mamãe Collyer. E' parecida, não acham?

Nova maneira de festejar S. João...

Isso é sorvete ou "iceberg?"

Ella quando era pequenina. Agora está crescidinha, bonitinha, engraçadinha...

DA OPERA AO

Grace Moore, a ingenua de Jellico, Tenessee, que se fez "estrella" de opera, operetta, theatro e Cinema.

Você, por acaso, nasceu em Jellico, Tennesse? E', sem duvida, o peor dos logares para qualquer pessoas escolher para nascer... Não ha futuro algum, lá. Nem *caviar*, nem *champagne*, nem nada disso... Pouca gente, muito pouca, a vida de cada um é conhecida, de cór e salteada pelo outro. Os trens, para lá, só circulam ás terças feiras e isto com grande sacrificio. Os namorados de Jellico procuram o luar, unica distração do local. Os de cor, as *Hallelujahs* allucinantes e medonhamente barbaras. O que mais se ouve em Jellico, na verdade, são os *espirituaes* que os negros cantam, a cada instante, com as cadencias as mais entorpecentes.

E' verdade: nasceu em Jellico e positivamente um *asar*. O destino, curioso e interessante, assim não o quiz. Foi collocar justamente em Jellico uma das mais fulgurantes figuras do Metropolitan, uma scintillante figura da *Opera Comique* de Paris e do *Astor Theatre* da Broadway.

Não fazem muitos annos, entretanto, que Grace Moore conseguiu todo esse successo. Para vencer todos os obstaculos que conseguiu vencer. Para deixar de ser a filha de Jellico, Tennessee e passar a uma grande "estrella", foi necessario muita pertinacia, muita coragem muita audacia. Actualmente, entretanto, ella é tudo: "estrella" de opera, de theatro e, ultimamente, de Cinema, tambem..

A primeira vez que nos avistamos com Grace Moore, a "prima donna" das operas e a "Jenny Lind do Cinema, foi — imaginem! — no côro da aldeia. Já esteve, por acaso, numa igreja de aldeia, num domingo terrivelmente quente? De um lado, o lado mais quente, temos as senhoras, cheias de respeito e veneração, abanando-se, todas, com insupportaveis leques improvisados com folhagens e, do outro, fingindo uma attenção que não têm, os homens, collarinhos engommados, sacrificio personificado dentro das roupas apertadas, proprias para aquellas solemnidades...

No côro, justamente lá, Grace Moore, modesta e simples, vestidinho de algodão. O pastor inicia suas orações. Depois dellas, os hymnos sacros. E, distrahindo aquelles que ali vão sem a preoccupação de ouvir nada de notavel, Grace Moore canta. Todos voltam-se para ella. E' qualquer cousa de sublime, a sua voz. Qualquer cousa de formidavel, de innenerravel. *Home, Sweet Home,* foi um dos cantos que a sua voz aperfeiçoou. E como! Até parecia uma melodia nova, celestial, differente.

Annos depois, Grace Moore cantava, novamente. Com voz muito melhor e aperfeiçoada. Mas em New York, num palco de grande theatro, vivendo uma grande opera, deslumbrando toda aquella immensa platéa, aos seus pés.

Um dos membros da familia Moore, tinha dinheiro e, assim, resolveram enviar Grace para um collegio em Ward Belmont, Nashville. Isto em 1916. Ali aprehendia-se francez e as ricas filhas do sul exhibiam seus vestidos impeccaveis e suas fortunas immensas nas especies dos seus vestidos. E' logico que logar para uma

Um recanto do seu "lar, doce lar". Só falta o companheiro...

CINEMA

pequena pobre, com ambições musicaes, apenas, era uma cousa difficil de arranjar. Se você jamais visitou um collegio importante, do sul, você perdeu um divertimento interessante... Lá, no collegio, o maior *sport* era o namoro. E, com todas aquellas pequenas, *snobs* e humildes, dava-se o mesmo caso: namoro. Puavam janelas, corriam para a visinhança, inventavam uma sahida, aos sabbados, para passar o *fim da semana* com a familia e todos estes *trucs* conhecidos dos collegiaes. Amor, ali, era em quantidade louca... Consta, tambem, que Grace Moore foi das logo affectadas pelo mal... Seu interesse no namorado, entretanto, era logo perdido: suas concurrentes eram, geralmente, a filha do Rei do Linho ou a primogenita do Rei dos Pecegos. Impossivel para ella, filha do Rei dos "Promptos", portanto, conseguir qualquer pequeno firme...

Continuaram os estudos, proseguiram os passeios com namorados, as concurrencias das filhas dos Reis e, por sua vez, continuavam seus estudos e seu aperfeiçoamento de voz. Em 1918, por effeito da sua capacidade estupenda, conseguiu ella um collegio superior, em Washington e para lá foi, concluir seus estudos. Era, naquella epoca, uma cousa formidavel. Quando uma filha de Jellico passava além de Nashville, era um verdadeiro acontecimento...

Assim apparece-nos ella em "Jenny Lind"

Dahi para diante, os factos desenrolavam-se de uma forma muito propicia para ella. O destino, naquelle instante, apontava o seu dedo cuidadosamente polido para Grace Moore. Foi por isso, com certeza, que Grace Moore cantou uma noite, tremula e medrosa, num concerto que se deu em Washington e, no mesmo programma, naquelle dia, cantava o celebre tenor Giovani Martinelli, o idolo do Metropolitan Opera House. Quando terminou o concerto, Martinelli procurou a joven soprano e disse-lhe um pouco da grande admiração que sentira pela sua exhuberante voz. Disse-lhe, animando a com sinceridade, que era, realmente, a cousa mais suave e deliciosa que já tinha ouvido em toda sua vida. Tão feliz ella se sentiu, naquelle instante, que não quiz saber de mais nada. Deixou Washington, incontinenti e, sem mais delongas, foi para New York, em busca do seu verdadeiro successo.

O facto de ter ella chegado a New York com o estomago e a bolsa vasios, ambos, não constitue novidade, especialmente em New York, aonde diadiamente succede a mesma cousa. Mas se você quer celebridade, é esta a unica maneira de a conseguir. Parece, mesmo, em certas occasiões, que é um codigo não escripto que assim o exige e faz com que todos por elle se ajoelhem quando passarem.

Os theatros, naquella occasião, soffriam uma crise realmente tremenda. Os films falados não estavam nem por sombra aperfeiçoados.

O seu primeiro concerto, recebido sem curiosidade e com relativo desinteresse, mesmo, foi um successo formidavel. Todos se enthusiasmaram loucamente pela sua voz e pelos seus encantos pessoaes e, no dia seguinte, os presentes que recebia, as offertas que lhe faziam e as criticas que publi-

(Continúa no proximo numero

T. M. (Rio) — Pois é de "você", mesmo, que eu gosto de ser chamado... Quantos queira, T. M.! Aqui as respostas que quer: — Neil Hamilton, M G M Studios, Culver City, California. Basta o seguinte: — "Dear Mr. I am one of your greatest admirers and haven't lost, till yet, one single picture in which you were featured or starre. So, I believe you could send me one of your photographs. Remaining at the disposition of your kindness, I shall be, for ever, yours truly", e a assignatura com o endereço. Não mande dinheiro e nem sello. Não tem lido as ultimas noticias sobre "canalização de dinheiro nosso para o estrangeiro?..." O Neil é bomzinho, elle manda, sim. Sempre ás ordens, T. M.

MARZINHA (Rio) — De novo, suas perguntas e respectivas respostas, Marzinha: 1.° Edmund Lowe, Fox Studios, 1401 N. Western Avenue, Hollywood, California; 2.° Lew Ayres, Universal City, California; 3. Myrna Loy, Fox Studios, 1401 N. Western Avenue, Hollywood, California; 4.° Lupe Velez, Universal Studios, Universal City, California; 5. John Gilbert. M G M Studios, Culver City, California. Está contente?

Cinédia Studio, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Escreva-nos sempre, D. Nuno, que teremos com isto satisfação.

DANILO BASTOS (Rio) — Você, meu amigo, gastou tres sellos de 200 réis, mandou tres cartinhas com tres pseudonymos differentes, só para conseguir de uma só vez os endereços todos que quer, não é?... A sua bôa vontade, o seu papel, a sua tinta e o seu esforço merecem uma paga... Assim, "Danilo Bastos", "Margarida de Vanconcellos" e "D. Anilo-Olavo Bilac", os respectivos tres pseudonymos, aqui as respectivas respostas... Mona Maris, Fox Studios, 1401 N. Western Avenue, Hollywood, California; Raquel Torres, M G M Studios, Culver City, California; Rosita Moreno, Paramount Publix Studios, Hollywood, California; Lupe Velez, Universal Studios, Universal City,

O FORD DE JEAN MILJEAN VISTO COM OPTIMISMO...

SUE CAROL E O SEU "CARRINHO"...

Pergunte-me outra...

California; Didi Viana, Lelita Rosa, Gina Cavallieri, Alda Rios e Tamar Moema, "Cinédia Studio", rua Abilio, 26; Cleo de Verberena, Rua General Osorio, 38, São Paulo. Agora, "Da. Margarida": Adolphe Menjou, M G M Studios, Culver City, California. E, finalmente, "D. Anilo-Olavo-Bilac": — Jeanette Mac Donald, Fox Studios, 1401 N. Western Avenue, Hollywood, California. Está satisfeito?

H. MOURA (Parahyba do Sul) — Oh, filho! Você pergunta se recebi "uma ou duas cartas" suas?... Caramba! Uma por dia! Continue que você sempre é interessante...

CISCO KID (Ribeirão Preto, Estado de S. Paulo) — E' um problema, esse de publicidade, que está sendo encarado bem mais a serio do que você pensa, Cisco Kid. Aguarde! Jeanette Mac Donald, está com a Fox. Seu ultimo film, foi "Oh, for a Man!", com Reginald Denny. Richard Barthelmess, First National Studios, Burbanks, Cal.; Richard Dix, Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood; California; Billie Dove, United Artists Studios, 1041 N. Formosa Avenue, Hollywood, California; Camilla Horn, presentemente sem contracto com qualquer empresa. Está na Allemanha. Lillian Roth, nos palcos de New York e sem contracto algum com emprezas de Cinema.

ARYTON (Rio) Respectivamente: 10, 8 e 10 pontos. Era só?...

M. T. LESSA (Penedo, Alagoas) — Recebi a sua cartinha endereçada a "Moda e Bordado" e fiz a respectiva entrega. Mas podia ter mandado para Rua da Quitanda, 7, que é, tambem. endereço della.

D. NUNO, O SORUMBATICO (Porto, Portugal) — Sabe que critica é funcção pessoal. Mas foi dito que o film tinha qualidades, não foi? Esperamos ver os que cita na sua missiva. Didi Viana, Carmen Violeta e Tamar Moema, respectivamente estrellas de *O Preço de um Prazer, Mulher...* e *Ganga Bruta,*

ENRICO BOSELLI (Rio) — Insistir ou falar com este e aquelle, amigo Boselli, não adianta. E' questão de estar dentro do typo que a historia requer e não é necessario forçar. Temos seu endereço e quando fôr necessaria a sua presença, será chamado. Além disso, nada é possivel fazer.

ZYROPAZO (Cellatina) — 1.° A R C A of America, por exemplo. Francamente, o endereço neste momento não sei. Mas escrevendo para Bytington & C., Rua General Camara, 69, talvez chegue. 2.° Escreva quando quizer. 3.° Não: recebeu visita da cegonha, apenas. 4.° Nada é possivel garantir. Deve procurar e se arranjar venha. Depois é que talvez appareça a opportunidade. 5.° Pode ser que não seja a "unica" "cousa", mas não conhecemos outras publicações que se interessem pelo assumpto, seja em que lingua fôr. Barbara Kent está com a Universal. Buck Jones com a Columbia. Universal Studios, Universal City, California e Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood; California, respectivamente.

JOÃO VEIGA JUNIOR (Antonina) — A fabrica em questão não se interessa mais por assumptos desse genero. Outras não conhecemos que se possam interessar, presentemente, pelo mesmo. "Cinédia" está com seu programma de producção já delineado para dois ou tres annos. Acho, assim, que será opportuno esperar uma melhor occasião. Entretanto, permitta dizer, não creio, tambem, que fabrica alguma "compre" argumentos e se comprarem, caso sejam formidaveis, realmente, o preço que pagarem serão muito relativos. Em todo caso, se em qualquer outra cousa lhe puder ser util, escreva-me.

PERNAMBUCANO (Parahyba) — 1.° Não conhecemos casa alguma que se encarregue dessa sorte de vendas; 2.° Não os temos; 3.° Enviam, sim; 4.° Deixou o Cinema, ha muito.

NERO LEONE (S. Paulo) — Não lhe posso dizer nada de positivo a respeito desse assumpto. Archivei a sua photographia e sómente depois de alguem a procurar e desejar conhecer seu enderéço é que poderei dizer. Em Studios daqui, presentemente, não ha vaga alguma. Entretanto, porque é que não se apresenta aos productores dahi? Se se offerecer opportunidade, entretanto, com muito gosto chamarei para o endereço que me deu.

FIESSE GELÊ (Recife) — Merece, sim e com toda a certeza. Aliás é um problema que está sendo seriamente encarado e será em muito breve solucionado. Sabemos, perfeitamente, que ahi estão esplendidos patriotas e que todos se interessam vivamente pelo nosso Cinema. Mas creia que tudo isto terá um remedio mais cedo do que pensa. "Barro Humano" foi exhibido ahi, sim. Gente do seu enthusiasmo é que anima mais ainda a producção brasileira. Não estará enganado dizendo que Rosita Moreno é estrella do Cinema do Brasil?

CHEVALIER (Recife) — 1.° Se não foi concedido, amigo, era porque o assumpto era impossivel; 2.° Sobre este assumpto, dirija-se á gerencia, rua da Quitanda, 7; não consta que tenha sahido cousa alguma do "Olifer" que cita. 3.° Talvez ponha; está-se estudando; 4.° Morreu na miseria, sim e sem soccorro algum. Cousas de Hollywood...

OPERADOR

MARY DORAN, "I LOVE YOU"! ESTE CINEMA FALADO..

... GOSTO DESSE DEDINHO NO CANTINHO DA BOQUINHA...

PREFIRO O QUADRO! COELHOS DE ALGODÃO, PASCHOA DE MENTIRA... E ESSAS JOIAS? TAMBEM SÃO ASSIM?

QUE casa bonita! Até parece montagem...

Phillips Holmes, um novo Galã

Vae ser o heróe de "An American Tragedy".

Eu procurei Phillips Holmes para o entrevistar. Ultimamente elle tem andado numa evidencia rara. "Noivado de Ambição" deu-lhe a fama que merece e, ultimamente, "The Criminal Code" confirmou as suas esplendidas qualidades de artista, poucos pontos abaixo de Walter Huston collocando-o a critica, sendo aquelle o principal elemento masculino do assumpto.

Elle é um rapaz extremamente amavel, sympathicó e delicado. Nasceu em Grand Rapids, Michigan e, ainda bem criança, foi trazido immediatamente para New York, em companhia de seus paes. Agora, novamente aqui em New York, aonde se acha para trabalhar nos films que a Paramount está aqui fazendo, mostra, claramente, que Hollywood não o deixou esquecer New York. Conhece bem a cidade, não olvidou recanto aprazivel algum e continua o mesmo exellente cicerone que já conheciamos de longa data.

Encontramo-nos. Depois, passeamos pela Cidade e quando desceu a noite, fomos jantar á um dos bons restaurantes da Cidade.

— Não gosto de comer apressado.

Disse-me elle.

— Mas é praxe do Studio, sabe? Lá eu aprendi a comer qualquer cousa, a qualquer hora, em qualquer velocidade... Locações, tempos para filmagem, tudo isto, em summa, deram-me esta experiencia detestavel e logo a mim, imagine, que tanto aprecio um jantar de longas horas, bem lento e bem *calculado*...

Falamos da sua estadia em New York e falamos de Hollywood.

— Os que voltam a New York, vindos de Hollywood, dizem, todos, que sentem-se felizes. Não conheço o intimo dos outros. Conheço o meu e, por isso, garanto-lhe: sinto-me feliz! Prefiro New York. Por causa do clima, por causa de nem sei mesmo o que... Acho que aqui a vida é mais agradavel, mais photogenica...

Pensou alguns instantes e depois continuou.

Em Hollywood, pode crer, a cousa é differente. A gente conhece muita gente, tem numeroso grupo de amigos. Mas "amigos", realmente, nem por isso muitos... Não encontrei muita lealdade, confesso, entre meus collegas. Talvez goste daqui, mais, porque tenho menos "collegas" e, assim, desapparece em parte, esse espirito de rivalidade que é o maior mal de Hollywood.

— A verdadeira amisade.

Continuou elle, depois de me olhar bem.

— E' alguma cousa admiravel e preciosa que não ha quem não prese. Como o amor, entretanto, é alguma cousa que não pode ser imposta e nem forçada. Tem que ser espontanea. A falta de bons amigos, de sinceros e desinteressados amigos, em Hollywood, foi a cousa que mais me tornou sceptico e aborrecido em relação ao seu ambiente geral. Tanto o homem precisa de uma companheira, de uma noiva, namorada ou esposa, quanto precisa de um verdadeiro amigo, amparo da alma e confidente do espirito.

Estavamos no café e sorvemos nossas taças com rigoroso silencio e magestoso respeito. Depois erguemo-nos, sahimos e fomos á um espectaculo qualquer.

Terminado que elle foi, cahimos naquella fria noite que New York nos atirava sobre os agazalhos.

Resolvemos, ali, num relance, ir á um "cabaret" qualquer, passar algumas horas agradaveis.

Chegamos ao mesmo. Entramos. O "garçon" guiou-nos para uma excellente mesa e, depois de pedirmos, num contraste, café e gelados, nem sei porque, recomeçamos nossa conversa interrompida.

— Como conseguiu você, Phillips, até hoje conservar-se solteiro e nem siquer noivo? Lá em Hollywood...

— E'... Isto é: não lhe disse, ainda ha pouco, que amisade é como amor, não se força? Pois acho que foi por isso que permaneci intacto... O amor não chegou para eu o offerecer á alguma "lady"...

Fez uma pausa e como o assumpto parecesse agradar-lhe, continuou.

Gostaria de amar. Sinto-me sózinho, ás vezes, na escuridão da vida e nesses instantes, mais do que em quaesquer outros, desejaria ter alguem que me alizasse os cabellos e me beijasse

(Termina no fim do numero)

Dessa pose eu não gosto!

Leila Hyams, heroina de William Haines, John Gilbert e Buster Keaton, campeã de photographias e publicidade

Quem não queria um cheque assim?

se radicalmente da vida. Seis annos depois, casava-se com James Cruze, outro director. Ha um anno que se acham divorciados.

Como a dão, ultimamente, como noiva de Hugh Trevor, repetimos, um artista, desta feita, e como sabemos que ella jamais nega seus proprios sentimentos, resolvemos ouvil-a para saber sobre a verdade alguma cousa. E', pois, Betty Compson qúe vae falar.

—o—

— Apesar da tragedia que me afastou do primeiro amor e das condicções que arruinaram meu primeiro casamento, ainda sinto-me com disposição para amar. Amo o amor!

— A experiencia, sem duvida, é, entre todas, a mais sabia das mestras. Mentalmente, entretanto, tenho estudado os meus principios para a escolha de um segundo marido.

— James Cruze é um dos mais admiraveis homens que já conheci, em toda minha vida e, tenho a certeza disso, um dos maiores do mundo todo. Quando lhe dei o braço e, juntos, caminhamos para o altar, amava-o profundamente. Ainda o amo, direi, para ser sincera com meus mais intimos sentimentos. Creio, mesmo, para continuar sendo sincera, que jámais deixarei de o amar.

— Meu proximo marido, entretanto, será um typo differente.

— Quando dois entes juntam-se e, voluntariamente, aliás, fecham-se sob a molla do mesmo cadeado: o casamento, inconscientemente iniciam ahi mesmo a batalha pela supremacia no lar. Insconscientemente, ainda, um tem a victoria e, assim, o braço erguido: vencedor! Durante nosso namoro e nosso noivado, Jim e eu lutamos contra este mal e chegamos a afastal-o de nós. Durante o primeiro anno de casamento, de lua de mel, portanto, a mesma cousa. Dahi para diante eu me entreguei de braços cruzados ao destino.

Ella fala do divorcio

— Entre os homens, Jim sempre foi um guia, um dictador, um chefe. Elle jamais se tornaria um *Mr. Compson*, com toda a certeza. Havia, portanto, uma só cousa a fazer e eu a fiz. Tornei-me, durante longo tempo, aquillo que realmente devia ser, *Mrs. Cruze*. Isto foi um mal, sem duvida, porque, acho, sinceramente, que embora o homem deva mandar, pela regra, a mulher, apesar disso, não deve perder sua propria personalidade.

"Eu ainda amo James Cruze"

Betty Compson, em Hollywood, é conhecida como uma das pequenas mais sinceras e mais francas de toda a colonia. Não occulta o que pensa e nem o que sente. E', antes de tudo, extremamente leal e honesta com seus principios.

Annunciam, agora, o seu proximo casamento e Hugh Trevor figura como possivel noivo. Justo, portanto, que a procurassemos para conhecermos suas opiniões sobre a fallencia do primeiro matrimonio e a aurora do segundo.

Quem acompanha Cinema, com carinho e não se esquece facilmente das cousas, ha de se lembrar, com certeza, de que a vida de Betty Compson foi amargurada por uma grande tragedia: perdeu o seu primeiro amor. George Loane Tucker, que a dirigiu em *O Homem Miraculoso*, não era apenas seu director. Era seu noivo e casar-se-ia com ella se não fosse a tremenda molestia que o assaltou e o liquidou, em poucos mezes. Enfraquecido, physicamente, elle nunca deixou de ter a alma forte, quasi invencivel. Ella não o deixou, um só instante. Quando não lhe restou mais uma só nesguinha dos pulmões, elle morreu. Deformado, transfigurado, outro. Para ella, que o amava mais do que nunca, principalmente naquelle instante de agonia, elle, entretanto, não ficou gravado como ella o vira pela ultima vez: descarnado, horrivel na macillenta e secca forma do seu physico. Via-o, sempre, como o vira a primeira vez e por elle se apaixonára: nobre, forte, distincto, bom amigo e carinhosissimo. O quanto ella soffreu com essa morte, só ella o sabe e com isso desilludiu-

"Mas ando a procura de um marido melhor..."

— Jim é a personalidade mais forte e impressionante que já tenho encontrado. Todos que lhe cahem sob o raio de acção ou delle se approximam sentem, immediatamente, os effeitos da sua força governadora. Sem ser convencimento tolo, é, nelle, este particular, uma especie de egoismo sem cura. Elle jamais diz: "faça o que eu faço!". Elle sempre se recusa a fazer qualquer cousa como a gente quer e, ardilosamente, consegue que os outros façam tudo quanto elle quer e como elle quer. E' um chefe de vocação nata.

— Qualquer pessoa que trabalhe para elle ou sob suas ordens, torna-se, em pouco tempo, um imitador de James Cruze. Tomam sem querer os seus maneirismos, falam com o seu modo e até com palavras caracteristicamente suas e começam até a se vestir como elle, exactamente.

— *Zeek* é a sua expressão favorita e elle a diz em vez de *O. K.*, quando está satisfeito com qualquer cousa. Todos que o circumdam dizem a mesma expressão. Aprecia camisas abertas, sem gravata. Usa chapéos brancos ou cinzentos claros, de preferencia. Já vi, numa reunião em casa, quando ainda eramos casados, mais de 20 camaradas, amigos delle, todos com camisas abertas, sem gravata e usando chapéos claros... Jamais visitariam ninguem mais com aquella idumentaria, com certeza. Mas iam ali, assim, inconscientemente, talvez, mas para agradar aquelle que os dominava, Jim, o meu marido.

— Se eu continuasse como ia, no primeiro anno do meu casamento, eu jamais teria voltado á tela e tinha deixado, portanto, minha carreira completamente abandonada. Teria sido completamente envolvida pela personalidade de Jimmie e mataria Betty Compson, a artista, sob o peso daquella personalidade que elle tem e esmaga, com ella. Minha carreira, com aquelle anno, soffreu um grande abalo e isto me fez soffrer, profundamente.

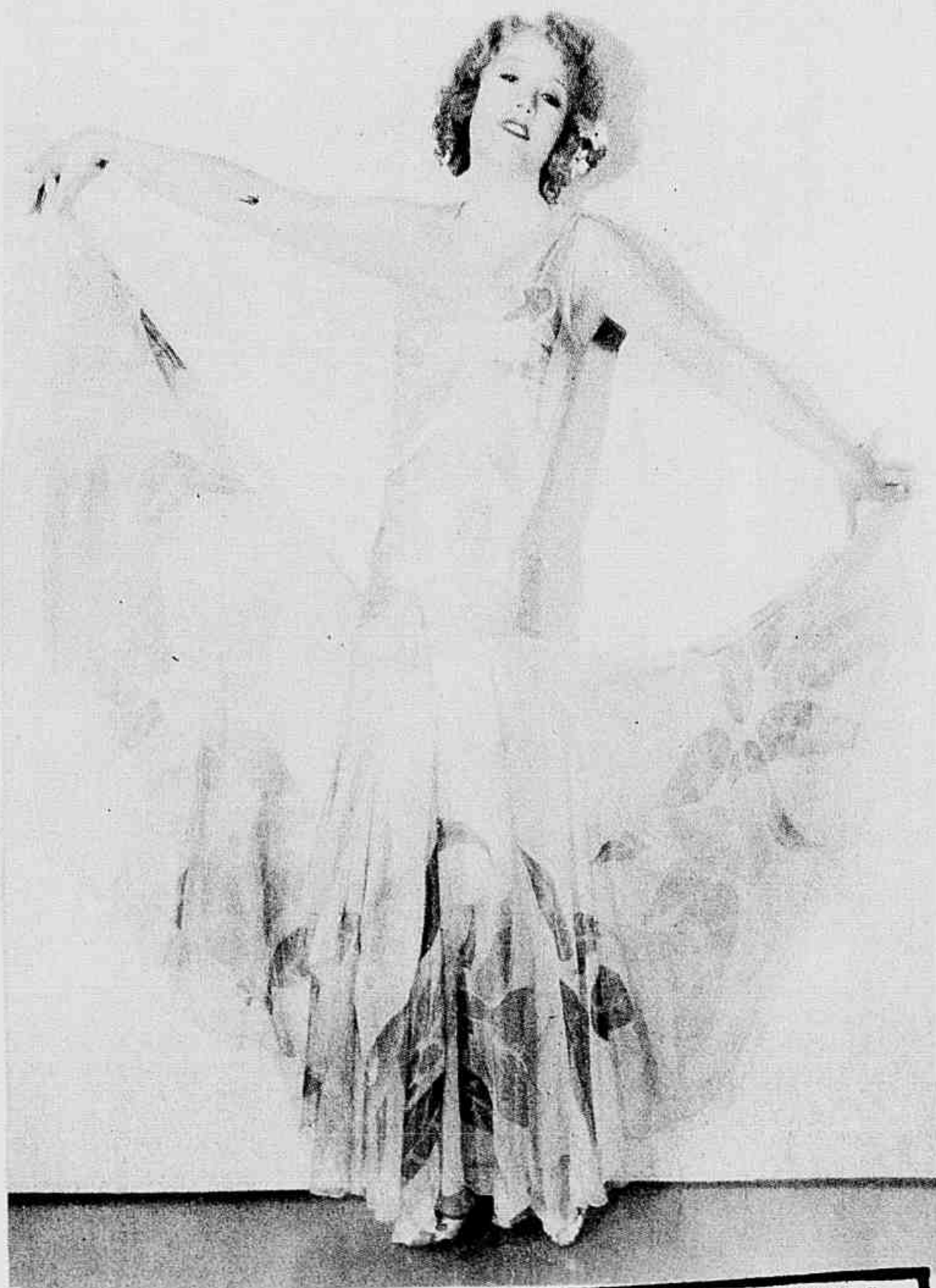
— No meu segundo casamento, eu jamais permittirei semelhante dominio.

— Mulheres que já foram casadas, tornam-se melhores esposas, no segundo matrimonio. Uma experiencia, mesmo em amor, é de grande valor. Ensina, com certeza, a valiosa lição da tolerancia. Realmente, bem pensando, esta é a maior lição que se tira do casamento. Todo amor é um auxilio para viver melhor.

— E' verdade, bem o sei, que o amor tantas infelicidades traz, quantas felicidades. Emquanto você não o souber manejar, elle será um constante encravo para a sua carreira. Tomado em doses moderadas, entretanto, é um fortificante excellente, para a vida e não faz mal algum.

Betty, sempre bonita, sempre nova!

e do ca-sa-men-to

— Tentei ser a esposa mais perfeita para Jim. Da maneira em que ia, entretanto, eu nada mais era do que sua esposa, apenas e isto cada vez mais me afastava do Cinema. O proprio Jim não me poderia estimar e amar mais, mesmo, como me estimava e amava, antes. Elle não notava o meu sacrificio. De minha parte, então, era uma visivel demonstração de fraqueza, imperdoavel, aliás.

Dizem que este, o Hugh Trevor, é o "escolhido". Leia isto, amigo Hugh e pense bem...

— Meu segundo marido tem que ser extremamente condescendente.

— Espero, delle, acima de qualquer outra cousa, um grande companheirismo, uma profunda amisade. Isto foi uma cousa que jamais tive de Jim.

— Se eu quizesse férias ou quizesse fazer um passeio, mais distante, tinha que ir sozinha. Sempre tentei Jim a deixar o trabalho e vir commigo, ao menos uma vez.

— "Querida, vae só, peço-te! Sem minha presença garanto que você se divertirá muito melhor!"

— Era a sua resposta de sempre...

— Por outro lado,

(Termina no fim do numero).

O Roubo do Diamante

"Roubaram o diamante, Tom!"

Quando Tom Markham, administrador de uma fazenda do Arizona, veio á cidade para conferenciar com George Brooks, proprietario da mesma, de volta ia acompanhar a sua filha Ellen que, por sua vez, queria levar em sua companhia o seu elegante amiguinho e companheiro, Rodney Stevens. Este Rodney, entretanto, passando por rico rapaz e cheio de bens financeiros e de caracter, nada mais era do que o chefe de uma quadrilha de malfeitores, daquellas redondezas, que planejava contra os bens de George Brooks.

A viagem, entretanto, não se faz com o trio, porque Rodney, allegando negocios, recuza-se ir em companhia de Tom. E, assim, na noite da partida, discutia-se em casa de Brooks, antes da partida de Tom e Ellen, o caso do famoso diamante Regente, comprado pelo rico fazendeiro para a já não pequena collecção de Ellen. Pelas palavras dos convivas e pelo que ali se conversa, Stevens comprehende que o mesmo diamante e guardado na parede do quarto de Ellen, num cofre intélligente occulto e, naquella noite, para não perder mais tempo, resolve agir em sentido de o roubar.

Altas horas, quando ninguem pensa mais no caso daquella conversa e apenas esperam a madrugada, para a sahida de Tom e Ellen, Stevens leva a cabo o seu plano e o dimante é roubado com grande susto para Ellen e uma grande agonia, tambem, porque era a pedra mais valiosa que se conhecia e, alem disso, uma dadiva que ella muito presava. Em perseguição dos bandidos, entretanto, vae Tom e elle, antes de ir, promette-lhe que lhe devolverá o diamante e, se possivel, na propria manhã a nascer, na estação.

Envolvendo-se nas mais emocionantes e altas peripecias, enfrentando com o poder de seus murros aos adversarios e usando de toda sua manha e astucia, Tom consegue rehaver a pedra e de facto, Ellen, quando chega á Estação, para o embarque, tem a satisfacção rara de receber a pedra, das mãos delle e de guardal-a comsigo, com immenso carinho, para evitar maiores surpresas. Tom confia-lhe o diamante. Mas não deixa de, sobre ella, exercer a mais severa fiscalização.

Stevens, doido de furia contra seus sequazes, ordena-lhe que persigam o trem e retomem a pedra de Ellen Brooks e Tom Markham e ao mesmo tempo que planeja liquidar este inimigo forte que encontra no seu caminho, tambem planeja apoderar-se de Ellen, para fazel-a sua amante.

Perdendo o trem, os bandidos apanham um auto e sáem em perseguição do expresso, a toda força do motor do mesmo, caminho do Arizona.

Antes do trem chegar ao destino, Tom, já tudo combinado previamente, salta na estação anterior e, formando ao lado do grupo de outros empregados da fazenda, elle simula um ataque á deligencia e, com isto, além de pregar um grande susto em Ellen que se apega furiosamente ao diamante, elle consegue salva-lhe a vida, com satisfação, pois a diligencia dispara, cavallos assustados pelos tiros que os **cow boys** disparam e, atraz della, montando Tony, consegue elle salvar a vida da creatura que, na vida, mais ama.

"Mãos ao ar!" (Tira a mascara Tom Mix! Isso é velho).

Logo depois de chegarem á fazenda, sem ter Tom revelado sua identidade e nada tendo fallado do simulado ataque á deligencia, pois prefere deixal-a incognita, para não se gabar de a ter salvo, elle tem a satisfacção de a ver elogiar seu acto de heroismo e, ao mesmo tempo, o aborrecimento de constatar a chegada de Stevens e seus companheiros que, simulando terem resolvido acceitar o convite de Ellen, installam-se abertamente na fazenda, aborrecendo Tom immensamente com este facto.

Ellen, innocente, ignorando os sinistros planos de Stevens, recebe-o até com certo enthuziasmo, pois acha-o distincto, amavel e delicado e nem siquer nota o ciume e a colera de que Tom se deixa possuir.

Stevens ardiloso imaginoso, descobre, na fazenda, as roupas de bandido com as quaés Tom fazia suas brincadeiras e, immediatamente, concebe séu plano para recuberar a joia que tanto ambicionava.

Approveitando-se da ausencia momentanea de Tom, elle faz com que expeçam um telegramma falso a Ellen, dizendo-lhe, o mesmo, que seu pae acha-se

(Termina no fim do numero).

"Bravo. Tom foste um ..heroe !"..

"É o que lhe digo. O Stevens é" um pirata!

James Hall. Foi muitas vezes galã de Bebe Daniels.

Jimny!!!

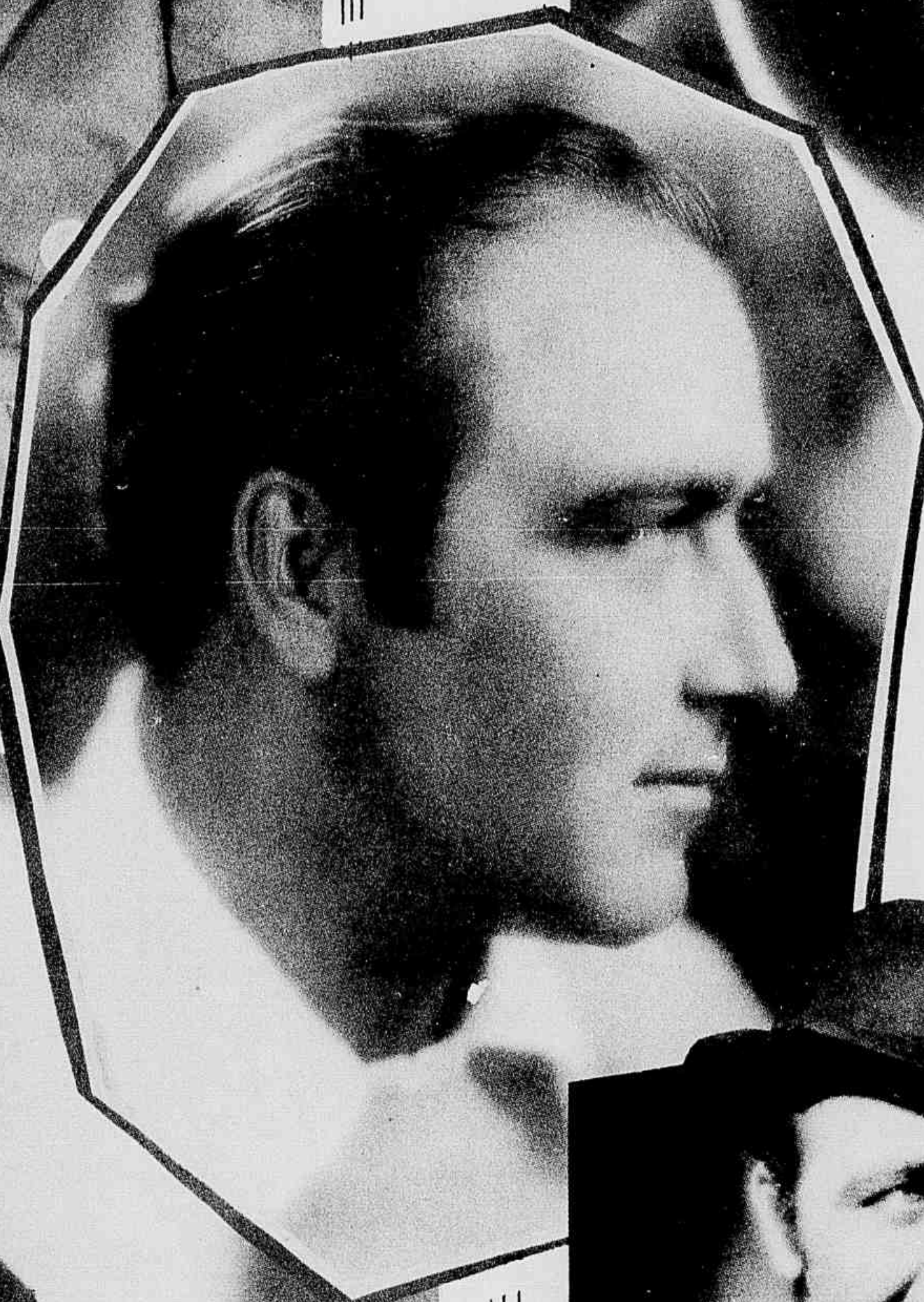
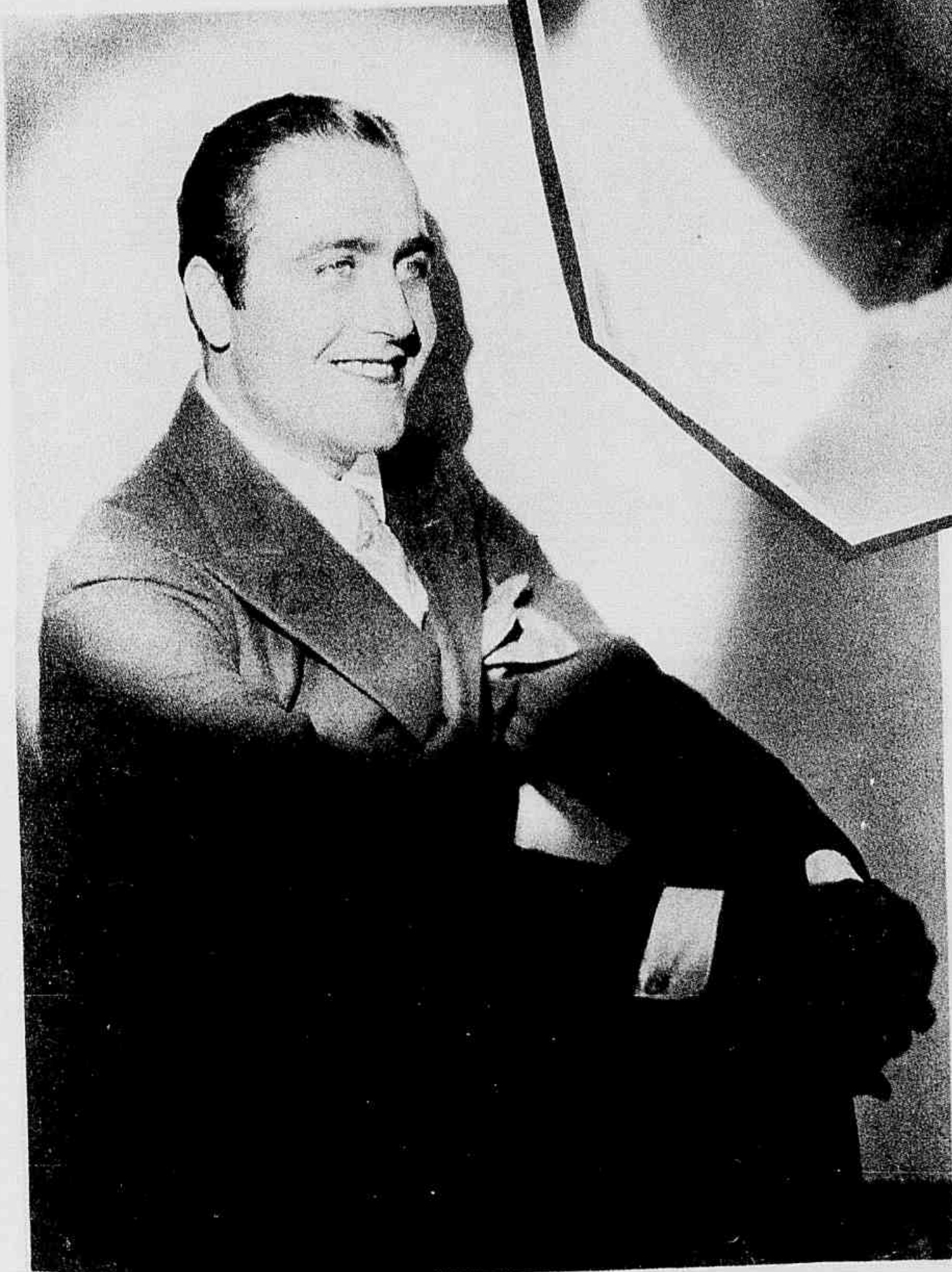



Figura com evidencia em "Anjos do Inferno". Ahi em baixo é como apparece em "Smiling Irish Eyes", com Colleen Moore, que talvez não vejamos.

O MYSTERIO de

Sherlock Holmes cortou o camarim com seus passos e, emquanto começava a espalhar a maquillage pelo rosto, dirigiu-se a Watson, seu assistente.

— Dono da "cadeira" de primeiro detective do mundo, Watson, deram-me a incumbencia de resolver o mysterio que envolve Greta Garbo. Hoje, tantos dias passados, o que tenho eu a apresentar, como relatorio? Como conseguirei explicar o silencio de esphinge dessa mulher enigma, num seculo de ruidos e sons, gritos e klaxons?... E a sua tristeza? E o seu exclusivismo?... O que dizer disso tudo? O que contar?...

— E' bom que nos lembremos, sempre, que ella já declarou: "Ha momentos em que me sinto extremamente feliz; noutros, sou a mais desgraçada das mulheres." "Não sei lutar e nem arguir." "Não sei comprehender uma pessoa que se embriaga". Creia-me, Watson, é aqui que reside a chave para todo este mysterio.

Se Holmes soubesse, entretanto, que não era o unico detective encarregado disso... Philo Vance, igualmente, emquanto tirava um dos livros da estante da casa de William Powell, dirigia-se a pessoa de Ronald Colman, igualmente ali presente.

— E' um caso de teimosia suéca, Ronny.

Declarou elle, dirigindo-se a Ronald Colman. Este pensou, longos minutos e depois respondeu:

— Sim?...

— Sim e... não!

Continuou Philo Vance.

— Mas acho que você sabe, perfeitamente, que os escandinavos são os individuos que cabeça mais dura têm em todo o mundo... E isto é cousa que já vem de muito longe, muito longe, mesmo, da epoca em que os dinosaurios brincavam de escônde-esconde, por ahi e a Suecia ainda era mais gelada do que é hoje... Foi preciso, realmente, muita teimosia para conseguir viver num paiz como aquelle... Sahir das cavernas, naquelles dias de gelo e medo, fazer fogo e esquentar café, se é que lá existia disso, naquelles tempos, era, sem duvida, uma cousa que dependia de uma persistencia tenaz.

— Agora... Ser teimoso em Hollywood, concordemos, é perfeitamente desnecessario, tanto mais que o clima, aqui, além de usual é admiravel. Mas... que fazer? Os Suecos são assim, prompto! Quanto mettem alguma cousa pelos miolos a dentro, meu amigo, é trabalho perdido querer demovel-os.

— Quando Greta Garbo disse, ha tempos, aos seus patrões: "Eu acho que vou até á minha casa, lá na Suecia." Ella já tinha pensado, mesmo, em ir á Suecia. Era util teimar e contrariar?... Absolutamente! Deixaram-na passar sete mezes, lá sem ordenado. Alterou isto, entretanto, os seus habitos e modos suecos de encarar a vida? Não! Principalmente depois de tantas e tantas gerações de suecos cabeçudos que a precederam. Ella venceu, como sempre.

O seguinte a commentar este caso de Greta Garbo, foi Fleming Stone, outro *perito*, em conversa, no Brown Derbb, com o nariz de Jim Mitchell, o reporter mais arguto de toda Hollywood... Acho que descobri tudo, Jimmy!

Arrumou um garfada de macarrão para dentro da fornalha, isto é, da *boquinha* e continuou, ainda mastigando.

— Bolas! Você acha possivel uma *estrella* que ainda guie um coupé Ford e ria-se de grandes automoveis? Que aborrece-se quando a vejam na rua e a reconheçam? Que sempre seja vista em casas de comidas, restaurantes de todas as castas? Que tenha ido á primeira de um dos seus mais importantes films simplesmente com um barrete de lã, um *sweater* e meias grossas, de lã?... Safa! E' demais!

Tornou a investir contra o macarrão e, depois, contra os ouvidos do amigo, de novo.

— Tenho a minha theoria sobre os motivos que a levam a não se querer misturar com os elementos da colonia. Quando ella veio da Suecia, ao lado do famoso director Mauritz Stiller, ouvia certas conversas e, com certeza, ouviu alguem dizer: "eu não sei, francamente, porque é que Stiller trouxe essa pequena para Hollywood. Não dá a impressão de que elle está trazendo um *sandwich* á um banquete?"

E continuaram a conjecturar. Num outro recanto de Hollywood, ao mesmo tempo, mais outro reporter ouvia as razões de Craig Kennedy, detective scientifico dos de mais nomeada. No seu improvisado laboratorio, ouvimos-lhe, tambem, o distillar intelligente das palavras.

— Tenho aqui, debaixo do meu microscopio um dos cabellos louros de Greta Garbo, amigo. Foi achado num antigo casaco seu e trazido de New York para cá por pessoas interessadas. Ali, ao lado daquelle movel, está um dos seus sapatos. Tem meia sola e demonstra, insophismavelmente, que a sua situação financeira não é das melhores, porque, se o

Um burguez a desvendar to do o "mysterio" da sua vida...

fosse, não mandaria pôr meia sola: compraria sapatos novos! Que tal? A ultima vez que ella se achou em New York, esteve num Hotel e lá passou uma semana. Antes de sahir, perguntou ella, á um amigo que a acompanhava, quanto devia dar de gorgeta aos encarregados de todo movimento, ali. O companheiro suggeriu cinco dollares a cada um. Promptamente, respondeu ella, num impeto: "E' muito dinheiro para mim! "E, depois, num

Quando ella ainda achava John Gilbert o melhor galã do mundo...

Greta Garbo

fuzilar de olhos, a r rematou, s o r rindo, intimamente: "Pague 10 a cada um, amigo, mas ponha na conta de Mr. M. G. M., sabe?"... E sorriu... Dias depois, quando regressava, retardou por mais dois dias sua viagem para Hollywood, só porque, em Los Angeles, perdia horas e horas a procura da casa de cambio que melhor pagasse o dinheiro Sueco que ella trouxera da viagem... A differença, diga-se, era uma ninharia. E, agora, amigo, acha que estas evidencias são poucas?...

Charlie Chan, famoso detective chinez das ilhas hawaïanas, enfrentou o porteiro da M. G. M.

— Por favor, senhor, eu preciso avistar-me com John Gilbert, Nils Asther e outros. E, temendo que o porteiro lhe arrumasse uma resposta e mais alguma cousa, disse, amansando a voz:

— Preciso solver o mysterio de Greta Garbo, amigo. Mais de um milhão de "fans" esperam por isso... A minha veneravel China, igualmente não pode deixar de saber desse mysterio que é toda a attenção do mundo.

O porteiro ouviu e, depois, resmungou:

— O que foi que o senhor disse, por ultimo? Que senhora é essa?

— China!

— China de que?

— Com mil mandarins, amigo!

Ahi lembrou-se que é habito americano não conhecer geographia e continuou:

— E' que milhares de mulheres, homens, velhos ou moços, andam loucos para conhecerem detalhes da vida intima dessa creatura. Todos querem saber porque é que ella não desnuda o seu intimo para felicidade e goso espiritual de todos. Porque é que ella evita apparições pessoaes em publico? Porque é, igualmente, que ella não apparece em fitas comicas, com o galã dando-lhe palmadas ou, então, jogando "box" com um kangurú? Porque não joga ella "tennis" com martellos de *cricket?...* Porque? Porque? Porque? E' isto, amigo, que eu, grande detective do Hawaï, vim descobrir aqui, emquanto acho-me em descanso.

O porteiro pensou, depois deu a resposta.

— O "Caolho" Connolly, amigo, já tentou isto, uma vez e foi inutil...

— Meu bom velho!

Gritou o chinez, já perdendo a paciencia:

— A mania de Greta Garbo evitar jornalistas, entrevistas, etc., não é uma cousa normal! O mundo não pode mais continuar assim torturado! Preciso sahir da minha calma para entrar ahi?...

— Pois *experimente*, amigo...

O mysterioso Chan, ali, diante do porteiro, deu dois passos para traz, enguliu uma pillula e... desappareceu no espaço...

Chegou o dia, entretanto, em que Sherlock Holmes teve que promover

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

QUAL A RAZÃO DO FILTRO?

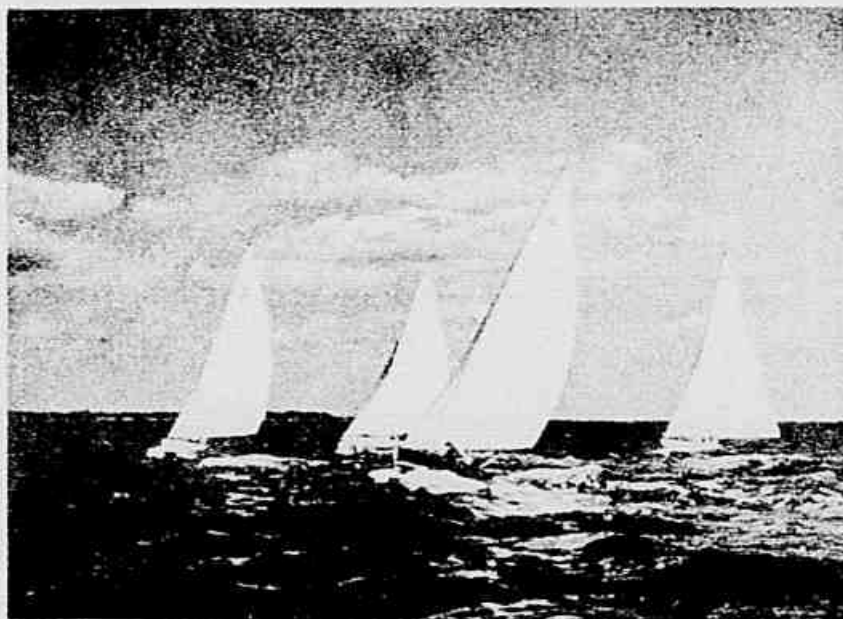
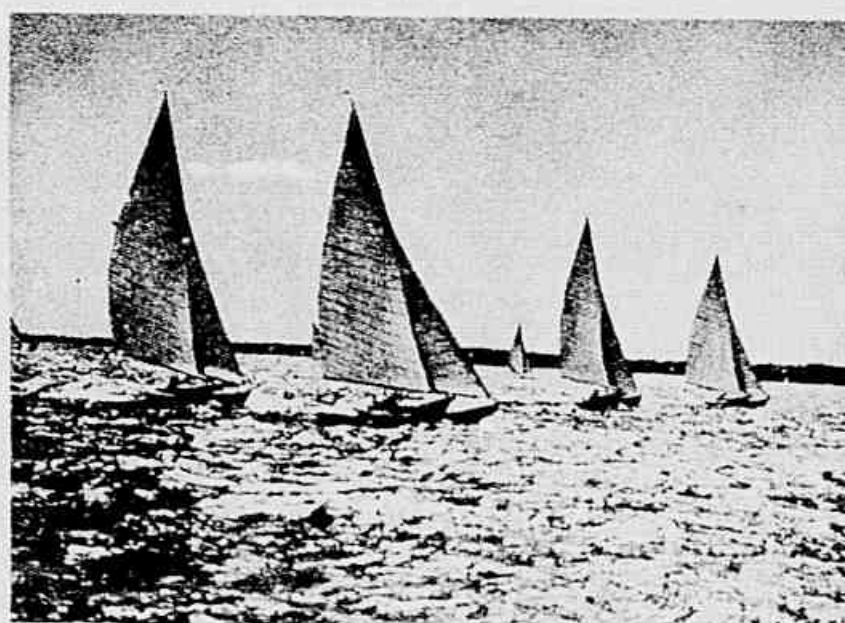
Ao revermos o que se tem dito e escripto a respeito do uso dos filtros, precisamos considerar bem o famoso conceito das moderações nas palavras. De toda parte têm vindo conselhos que preconisam o emprego dos filtros e, talvez em maior quantidade do que seria conveniente. Resumindo, diremos desde já que ha "shots" que ficariam melhores sem os filtros.

Para julgar o valor dos filtros, é necessario conhecer alguma coisa a respeito da natureza da luz. Para reduzirmos o assumpto á mais simples expressão, digamos primeiro que os raios de luz reflectidos são uma mistura das tres côres fundamentaes, o vermelho, o verde e o azul. Quando vemos ou photographamos uma coisa pelos raios de luz que essa coisa reflecte, é logico que, se qualquer coisa nos parece azul á vista, é porque os raios vermelhos e verdes, na luz branca, foram absorvidos. O mesmo principio rege as outras cores fundamentaes. A quantidade enorme de tintas e meias-tintas apreciaveis nas pessoas e nas coisas resultam da absorpção parcial de certos raios de luz, e da reflexão daquelles que não foram absorvidos.

Parece desnecessario repetir que o maior defeito de todas as emulsões photographicas tem sido a supersensibilidade para os azues, e a sua insensibilidade contra os vermelhos, os amarellos e os verdes. Com o film panchromatico, esse defeito tem sido corrigido até certo ponto, particularmente no que se refere aos vermelhos; mas a supersensibilidade para os azues ainda permanece a mesma. Ha filtros amarello é muito pouco effectivo, torna-se do parte dos azues, não os tornam assim tão prejudicaes para a emulsão. Mas desde que o amareello é muito pouco effectivo, torna-se claro agora que um objecto azul, o céo por exemplo, tornar-se-ha muito mais escuro si for photographado atravez de um filtro amarello, porque o azul foi revertido.

Quando um filtro é usado, toda luz que chega até o film é affectada pela cor do filtro. O filtro amarello transmitte a luz amarella, mas impedindo a azul, de modo que é a luz amarella que irá formar a imagem, photographica. Porém como sabemos que o film não é sensivel ao amarello da mesma forma que para o azul, segue-se naturalmente que a acção da luz transmittida será mais lenta, e portanto a exposição deverá ser mais demorada. O augmento da exposição depende da quantidade de azul, que foi cortada, e dahi os "factores" dos filtros (2 x, 3 x, 4 x, etc.), serem baseados no grau de densidade do filtro e na sua aptidão para transformar o valor dos azues. As photographias que acompanham este artigo foram feitas com filtros denominados K - 1, K - 2 e K - 3, os quaes têm factores de 1½, 3 e 4½ x, respectivamente, para o film panchromatico, á luz do dia, Ha diversos filtros excellentes; o ponto mais importante é, no emtanto, a determinação do seu factor antes do uso.

A escolha do filtro verdadeiramente preciso depende toda do discernimento do amador. Uma idéa esplendida e justa é observar a scena atravez de diversos filtros aproveitaveis, e empregar o que dá o resultado mais agradavel, embora esse systema não seja perfeito, já que o film "vê" de uma forma diversa do olho humano. Na photographia profissional o photographo escolhe os filtros que deixam passar as cores mais fracas, impedindo as tonalidades muito fortes.

Mas na realidade os filtros têm dois empregos. O primeiro, que póde ser chamado de orthochromatico, consiste em dar um rendimento correcto a cada tonalidade. Como um exemplo, tomemos as duas photographias aqui inclusas da carteira de cigarros. Temos um

circulo vermelho sobre um fundo verde escuro, e no circulo está impresso, em negro, o nome do conhecido cigarro "Lucky Strike". O livro

é vermelho, impresso em negro, e o vaso é de um carmezim muito brilhante com desenhos negros.

Observem agora a photographia de baixo. Ella foi obtida com film commum e sem filtros. Os vermelhos, os verdes e os negros sahiram todos com a mesma tonalidade, perdendo-se portanto os desenhos e os impressos. Observem porém, a photographia de cima. Cada detalhe é claro e distincto, tal e qual como no original. Os vermelhos estão demasiado corrigidos, mas esse exaggero de cores é necessario para que os detalhes saiam tal como se observam no modelo original. Para esse resultado, empregaram-se o film panchromatico e um filtro vermelho. O resultado foi um "contraste exacto de cores".

O outro emprego dos filtros é quando se filma directamente contra o sol, e quando elle se encontra parcialmente occulto pelas nuvens, como na photographia da regata tambem aqui incluida. Já que tanto o céo como a agua são brilhantes, e a maioria do effeito é obtido em silhueta, tornam-se necessarios um diaphragma muito apertado e um filtro muito denso.

Quanto ao verdadeiro rendimento que o film orthochromatico possa dar, examine-se a photographia superior da corrida de barcos a véla. O céo estava tão azul quanto o mar. As nuvens formavam um conjuncto lindo. Com o film commum e sem filtros, o céo apparecia cinzento, e as vélas dos barcos quasi invisiveis no meio delle. Só havia uma solução para o problema e para não se perder a belleza das nuvens. E assim o "shot" foi feito com film panchromatico e com um filtro amarello 3 x.

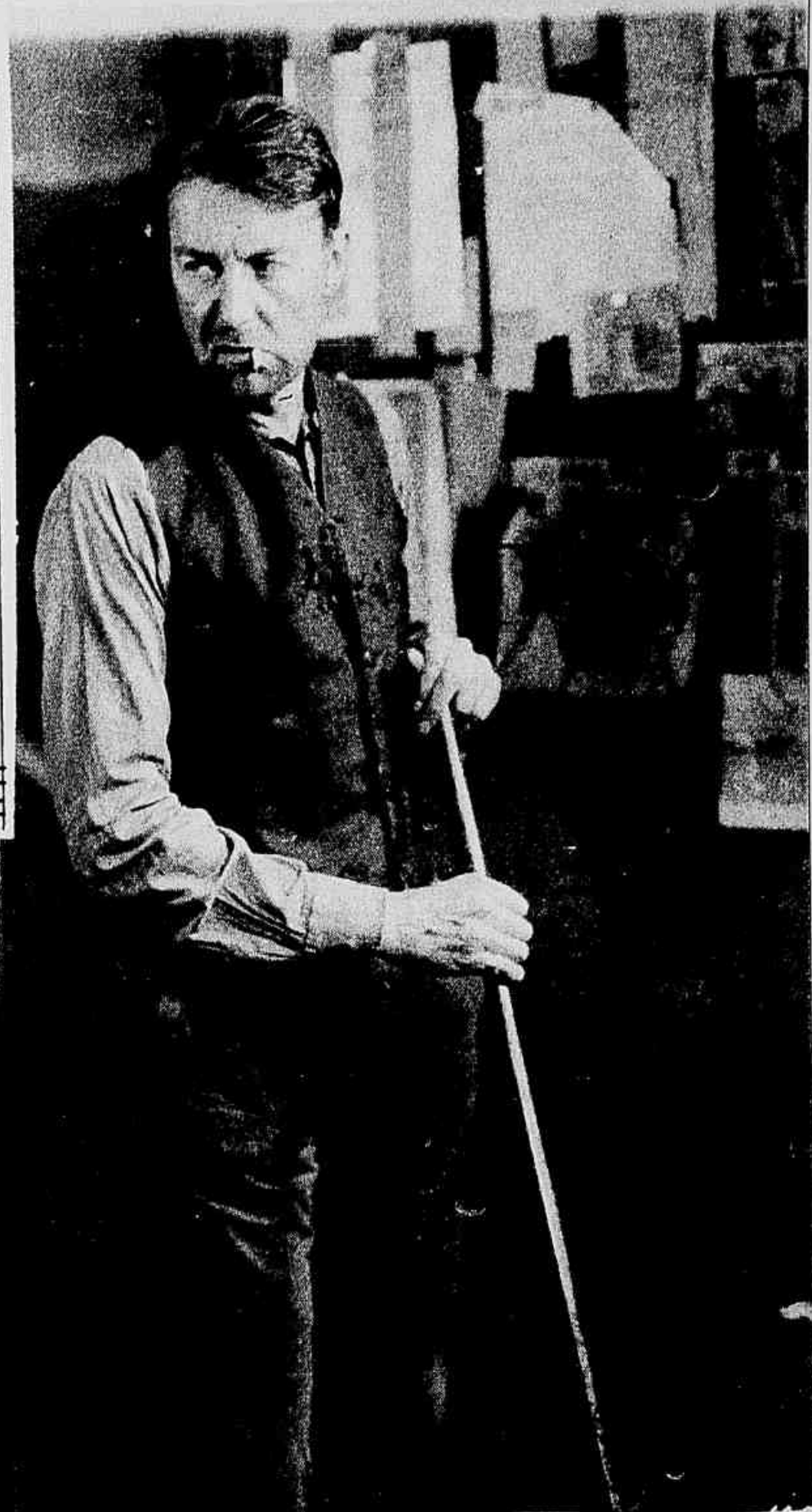
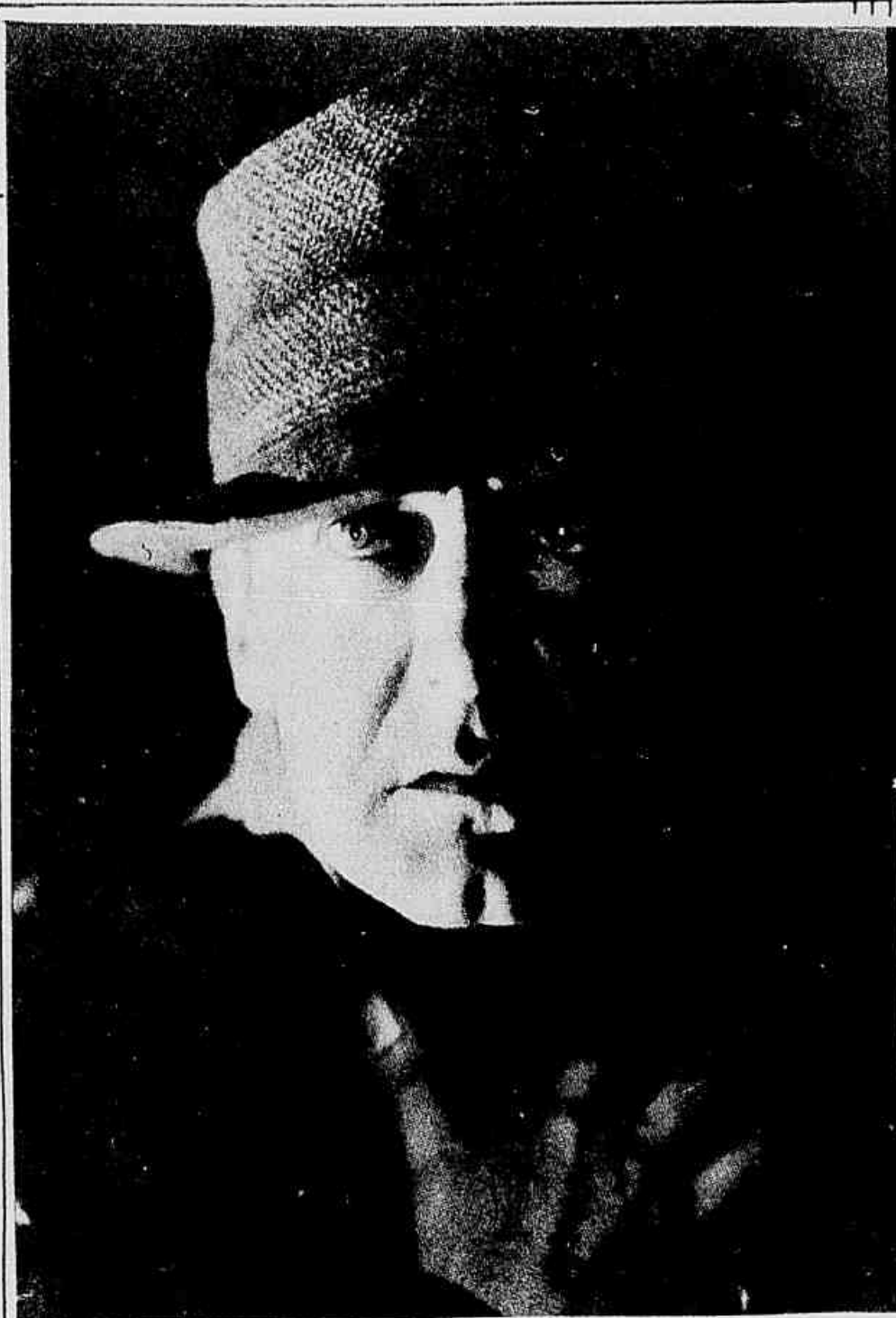
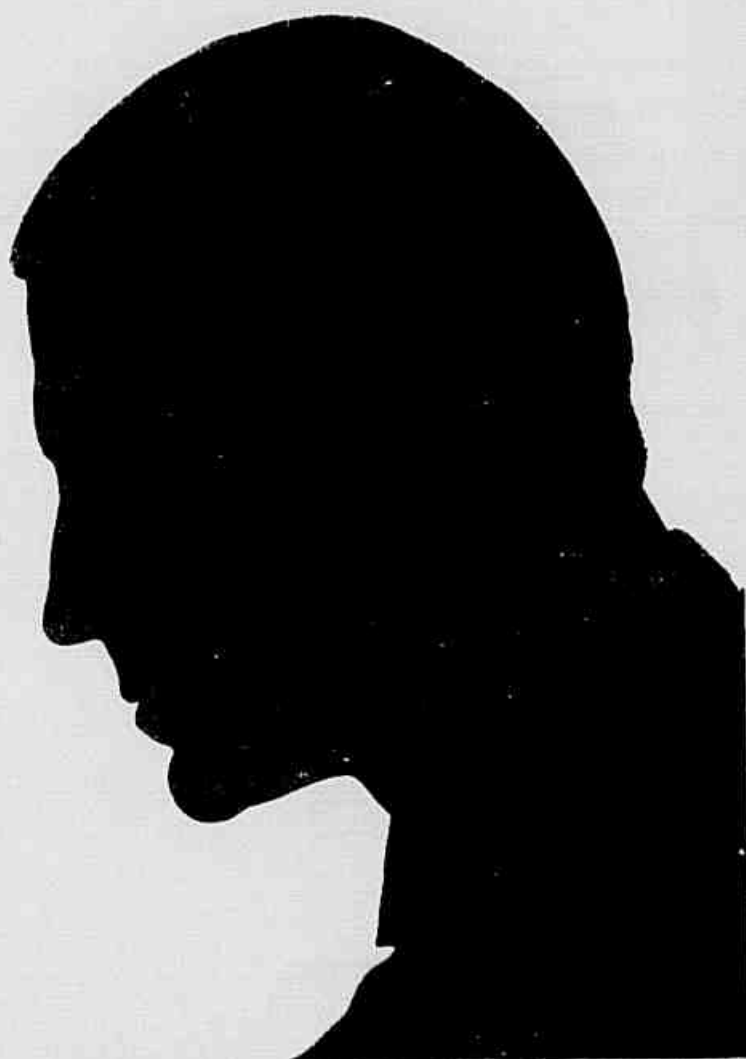
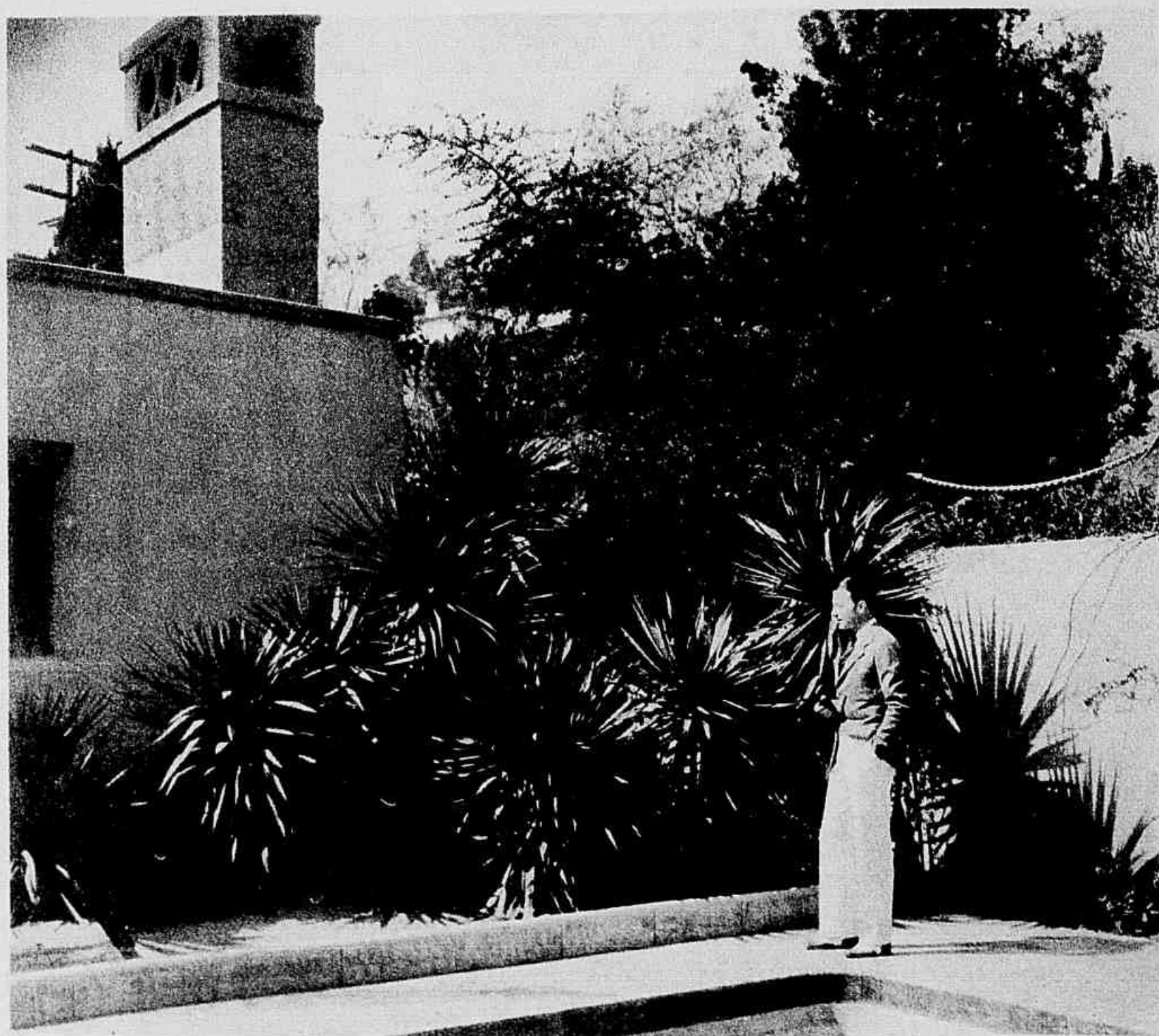
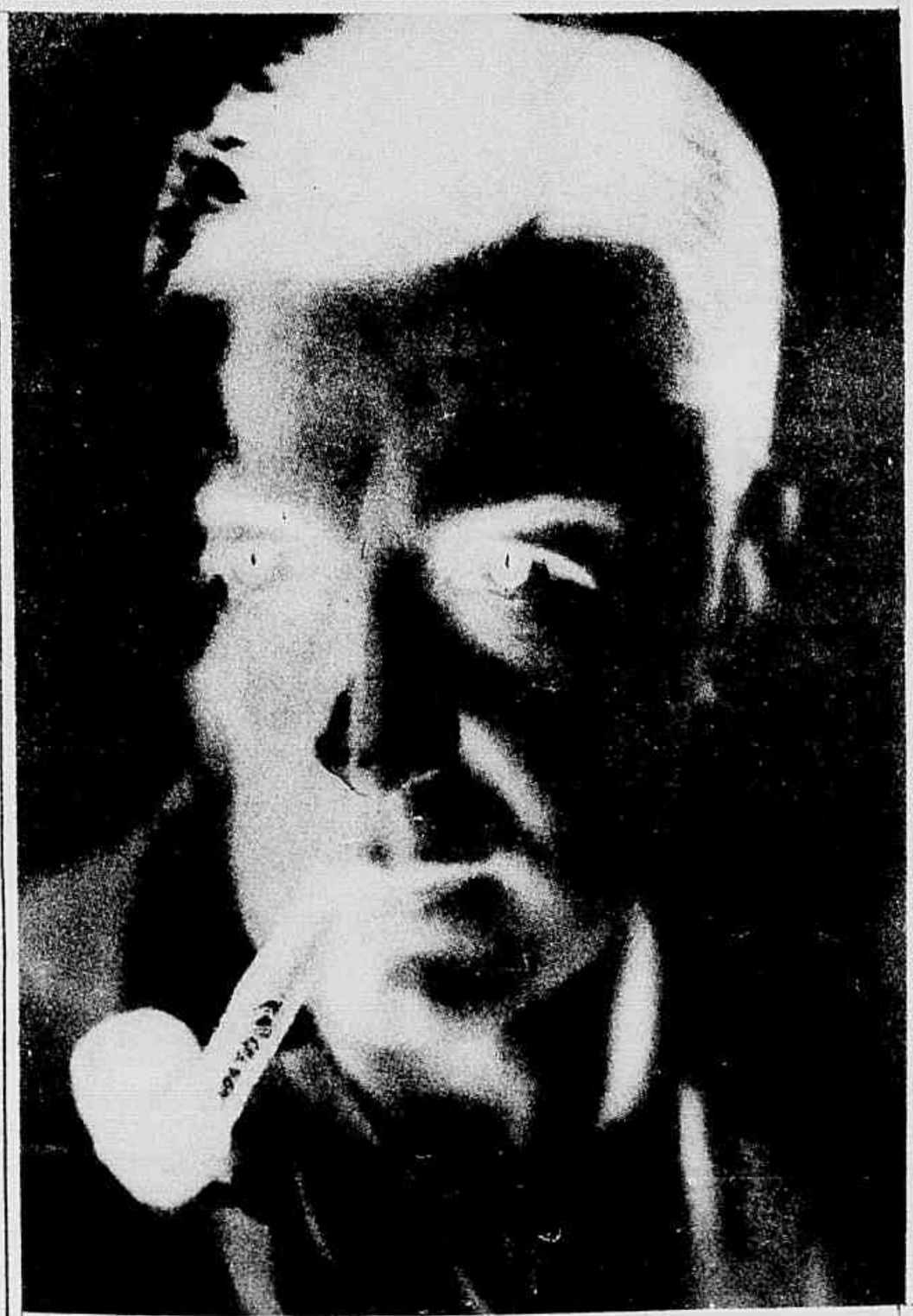
Conforme foi indicado no inicio deste artigo, ha momentos em que o filtro não serve de auxilio. Veja-se a outra photographia tambem de barcos a véla. Trata-se de um "shot" em contra-luz e, á excepção de uma pequenina nuvem, todo o céo estava azul. Usou-se um filtro 3 x e o resultado foi a perda do contraste entre as tonalidades do céo, das vélas e do mar. Sem o filtro, o céo ficaria mais claro, as vélas mais escuras, e o mar praticamente com a mesma tonalidade. O resultado seria muito mais agradavel.

Desse modo, em scenas de céo aberto, sem nuvens, parece melhor não se empregar um filtro, a não ser que certos tons de cor assim o requeiram para o devido contraste. E' preciso que nos lembremos de que, desde a descoberta da Photographia que o mundo tem exigido um céo claro nas provas photographicas. Se elle ficasse escuro, sempre suggerindo porém, a ausencia de nuvens, o aspecto apresentado seria pouco natural.

Ha porém, excepções. Marinhas de barcos, em que as vélas se mostram contra um céo azul claro e brilhante, requerem um filtro a não ser que a photographia seja tomada contra a luz; de outro modo perder-se-hiam as vélas. Mas o assumpto de que necessitamos tratar aqui é o contraste de cores, e não propria mente o rendimento orthocromatico da scena. Os edificios altos e brancos contra céos azues tambem requerem um filtro, mesmo que não haja nuvens.

Raras vezes os "close up" e "semi-close-ups" requerem um filtro, a não ser que o contraste seja de cores e não de tonalidades. Em muitos casos, o filtro tenderá para um resultado enfraquecido, dando a projecção de uma photographia morta e desinteressante, na tela. Por exemplo, uma scena em que as cores são branca, amarella e vermelho claro, ficará muito melhor sem o filtro do que com elle. A razão está em que o filtro transformará o vermelho claro e o amarello praticamente na mesma tonalidade que o branco. Esses valores poderão ser absolutamente correctos para um film, mas não parecerão apropriados. Por outro lado, se tivermos que filmar uma pequena toda vestida de azul e branco, um filtro mostrará o contraste de cores com muita vantagem. Ha ainda um emprego para os filtros: nos "close ups", os la-

(Termina no fim do numero).

Clive Brook, um dos inglezes mais distinctos de Hollywood

no seu lar. Acham que elle teve gosto?

Numa scena de um dos seus melhores films, "Paixão e Sangue", lembram-se do "Rolls Royce"?

Joan Crawford. Que olhar!... Que sorriso!...

Tres palavras, apenas: "eu te amo". Prompto! Relampago que illumina qualquer escuridão, a mais espessa...

Outra palavra, pequenina; "malicia". Tempero que o Cinema arranjou para illuminar de amor todas as vidas...

Antigamente, lia-se o "Secretario dos Amantes", livro sabio, conselheiro, bom, amigo e sincero.

Hoje, assistem-se films. Nada melhor: vê-se...

No Cinema é que nasceu a malicia. Não a malicia sensual, perigosa, dessa que todos os que se dizem pudicos e sensatos condemnam, não. Aquella malicia que faz Joan Crawford sorrir daquelle modo, Clara Bow olhar daquelle geito, Marlene Dietrich beijar differente e Greta Garbo seduzir a humanidade... A malicia do Cinema, pois, é o *tempero* de uma personalidade. Aquelle *que* que ella tem, sem sentir e gasta, sem saber, ferindo inconscientemente. Aquella fascinação que Ronald Colman tem no sorriso, Gary Cooper na rispidez, Ramon Novarro na sua singeleza e John Gilbert no fulgor dos seus olhos... Malicia...

Comprehender melhor?... E' facil: Alice White, numa roupa de banho, bem curtinha, bem assimzinha, mesmo. Você olha as bonitas pernas della? Eu não: olho os olhos... Cahidos, sempre entorpecidos pela morphina de uma recordação que não existe... Esta é que é a malicia do Cinema, a que estamos começando a comprehender...

A malicia dos artistas de Cinema, americanos, é differente, com certeza. "Du Barry", com Pola Negri: um peccado. "Du Barry", com Norma Talmadge: malicia... Já disseram que até no sophisma o americano é sadio, moderno, rapido...

Em materia de Cinema, então, as *modas* mudam muito. Quantas carinhas differentes não temos? Mary Pickford, olhos grandes, innocente. Clara Bow, olhos grandes, espertinha... Ann Harding, intelligente e artista até para segurar e controllar os olhos...

A representação de Ann Harding dá, logo, não sei porque, uma impressão de lar, familia, respeito, caracter. Ninguem é capaz de pensar em roupas de banho ou *chaise longues*... Ha, nella, alguma cousa occulta, estranha, de uma belleza espiritual e fascinante. Sua voz é séria, seus gestos são calmos. Jamais a malicia entra no mais simples detalhe da sua personalidade exclusivamente pura. A brejeirice olhou os olhos grandes de Ann Harding e corou...

Antigamente, os films eram puros e simples como lyrios aos pés de um quadro santo. As heroinas, então, eram puras como um espelho de gente rica, sem o halito do sophisma, siquer. Embora o villão a perseguisse, sempre e se fechasse com ella num quarto, agarrando-a, soffrego, emquanto não chegasse o galã, era ella sempre pura, immaculada, singela...

Naquelles tempos o publico só queria ingenuas. Os homens nem siquer bebiam um trago de *vermouth* para ir ao Cinema, com medo de que a imagem pura sentisse aquelle halito alcoolizado... As heroinas tinham que ser tão puras, tão meigas, que nem siquer se apercebessem da malicia do villão... As artistas tinham que ter rostinhos de anjo, olhos puros, cabellos encaracollados e loiros, de preferencia. Mary Pickford, Mary Milles Minter, June Caprice, Violet Mersereaux... Heroinas que soffriam e casavam, sempre, depois do puro e delicado beijo final, ás vezes, mesmo, dado em plena testa, suavemente..

Depois da ingenua, entrou em voga a *vampiro*, typo radicalmente opposto. Era, geralmente, uma cavalheira de certas banhas, cabellos negros, compridos, quasi sempre mal penteados, olhos langorosos e que apanhava o heroe nas suas *malhas*, seduzia-o com um frenetico dilatar de narina e um exhaustivo arfar de peito e, depois, quando o tinha nas *garras*, via numa furia enorme, que elle fugia, sempre bom e decente e voltava para as madeixas loiras da heroina pura...

Theda Bara, sim, era deste *team*... Nita Naldi, Pola Negri, mesmo, creaturas cheias de curvas e obliquas, de andares sinuosos e sorrisos duvidosos... Mulheres que mettiam mais medo, naquella epoca, do que vinte caracterizações do pobre e infeliz Lon Chaney...

O Cinema, cresceu. Deixou as fraldas, começou a dar os primeiros grandes passos, na vida. Com a mudanca della, igualmente, ia mudando a opinião publica a respeito de typos de heroes e heroinas.

A mais garota das "estrellas": Clarinha!

Foi ahi que tivemos a invasão de *garotas modernas*. Mocidade vermelha! Sangue novo! Jazz! Cocktails! Luzes! Farra!!! Colleen Moore, Clara Bow e, mais tarde, Alice White, tambem. Magdalenas alegrissimas que começaram a derramar gottas de electricidade nos nervos um pouco entorpecidos do publico... Colleen Moore com sua creação de *pequena sapeca*, fez-se celebre, mundialmente celebre.

Era isso que o mundo passou a querer...

Quando Clara Bow se despiu em publico, pela primeira vez em *Asas*, aquelle film que deixou tantas recordações, foi ahi que o publico comprehendeu porque é que ella era tão querida! Um succeesso completo. Todos iam ao Cinema ver os films de Clara Bow, mergulhar os olhos nos olhos de Clara Bow, ver Clara Bow ficar zangada, devolver os presentes ao namorado e, depois para se esconder melhor, atirar-se dentro do lago e de lá sahir apenas com algumas folhas envolvendo-a... Clara Bow passou para o alto da lista, bem lá em cima, quasi intangivel de tão querida, de tão popular...

As senhoras de idade, entretanto, repelliram Clara Bow. Relembravam, nas suas conversas, os cachos de Mary Pickford, o seu sorriso de orphã desamparada. Achavam Clara Bow e Colleen Moore immoraes...

Alice White, a terceira do triumvirato da malicia, do triumvirato da mocidade de fogo e paixão, ardor e loucura, tornou-se, deliberadamente, aliás, discipula da technica de Clara Bow. Tornou-se, em pouco tempo, favorita dos collegiaes e mesmo dos já graduados... E por muito tempo continuaram *reinando* estas tres garotas, depositos de malicia, ou melhor, "it", na linguagem elevada da aristocratica senhora Elinor Glyn...

Foi ahi que irrompeu Greta Garbo. A' primeira chamma do primeiro olhar da suéca maravilhosa, esplendida, apagou-se, como por encanto, toda a magia e fascinação daquellas tres *garotas*. O publico voltou-se para Greta Garbo e para seu encanto physico e belleza espiritual. Sentiram claramente, que, nella, havia uma malicia differente, de mais idade, de mais experiencia, de maior e mais formidavel attracção... Parecia, naquelle instante em que surgiu, uma manhã fresca, de cheiro forte, a beira mar, depois de uma tremenda noite de *cabaret*, cheia de fumaça e bebida... Era a mulher-mysterio. O romance em forma de peccado... E até hoje ella não perdeu o seu primeiro prestigio. Continúa dominando os "fans", continúa dominando os corações. Invencivel... Foi então que o Cinema falado entrou e transformou em adulto o meninão que era o Cinema. Deu-lhe voz. Deu-lhe o poder de dizer o que sentia e de falar as malicias que tão lindamente mostrava no disfarce dos seus intelligentes symbolos e subentendimentos... Fizeram o Cinema falar...

Solidificou-se, então o prestigio de Norma Shearer. Ann Harding, Ruth Chatterton e Constance Bennett iniciaram uma carreira de successos. E tudo proseguiu, com peças em forma de Cinema e Cinema cada vez mais estraçalhado, até que, ultimamente, a cousa tornou a mudar. Resolveram medir as palavras do Cinema, dar-lhe intelligencia, cousa que começou a lhe faltar e, para isso, diminuiram-lhe os dialogos e augmentaram-lhe a acção, o movimento, a rapidez dos gestos e das situações, o que, antes, era o seu maior e melhor recurso.

Foi então que veio da Allemanha Marlene Dietrich.

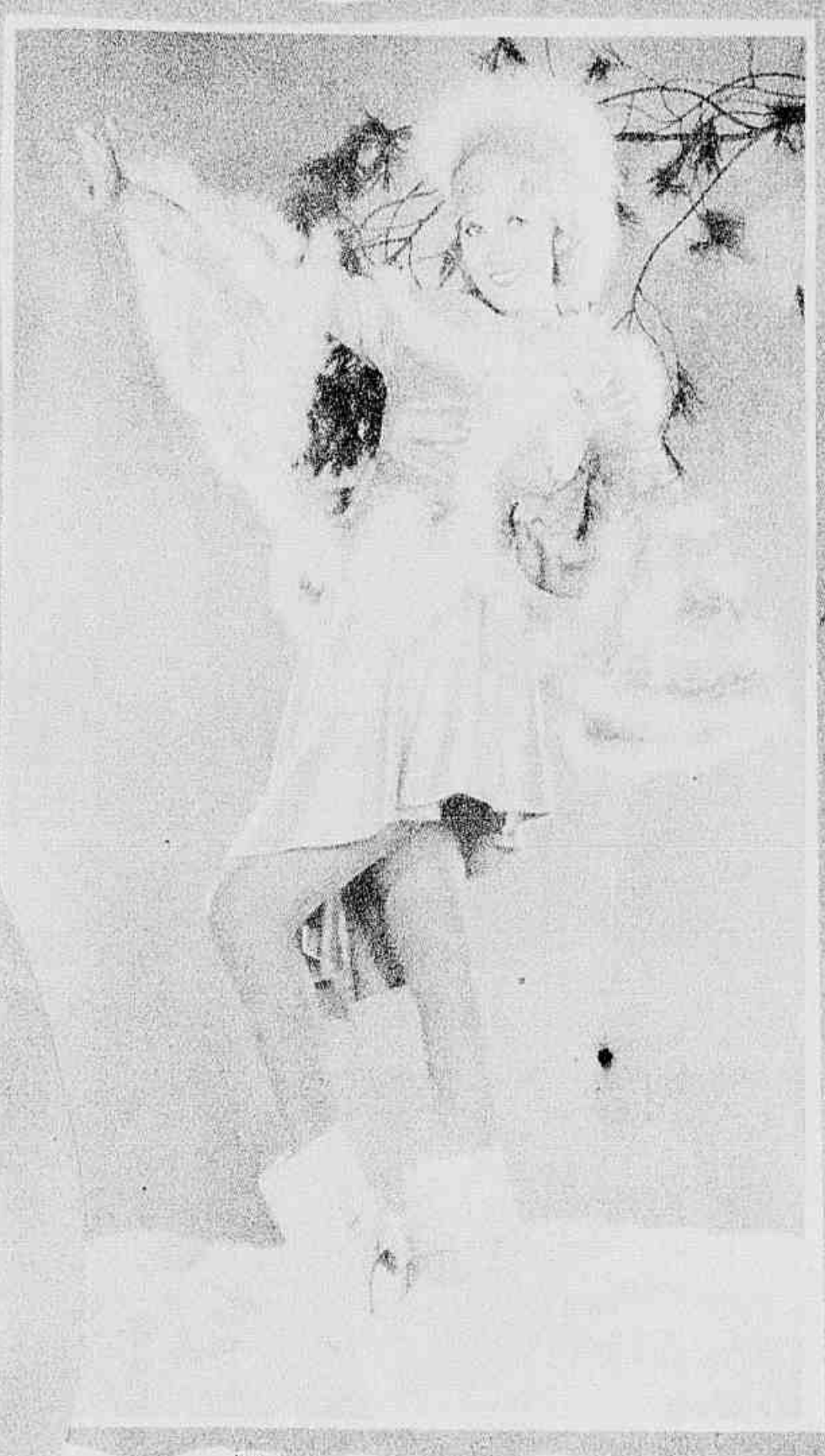
E a ultima expressão da malicia que nos foi dada contemplar. Haverá alguem que ainda descreia da belleza da malicia depois que contemplar um só olhar de Marlene Dietrich?...

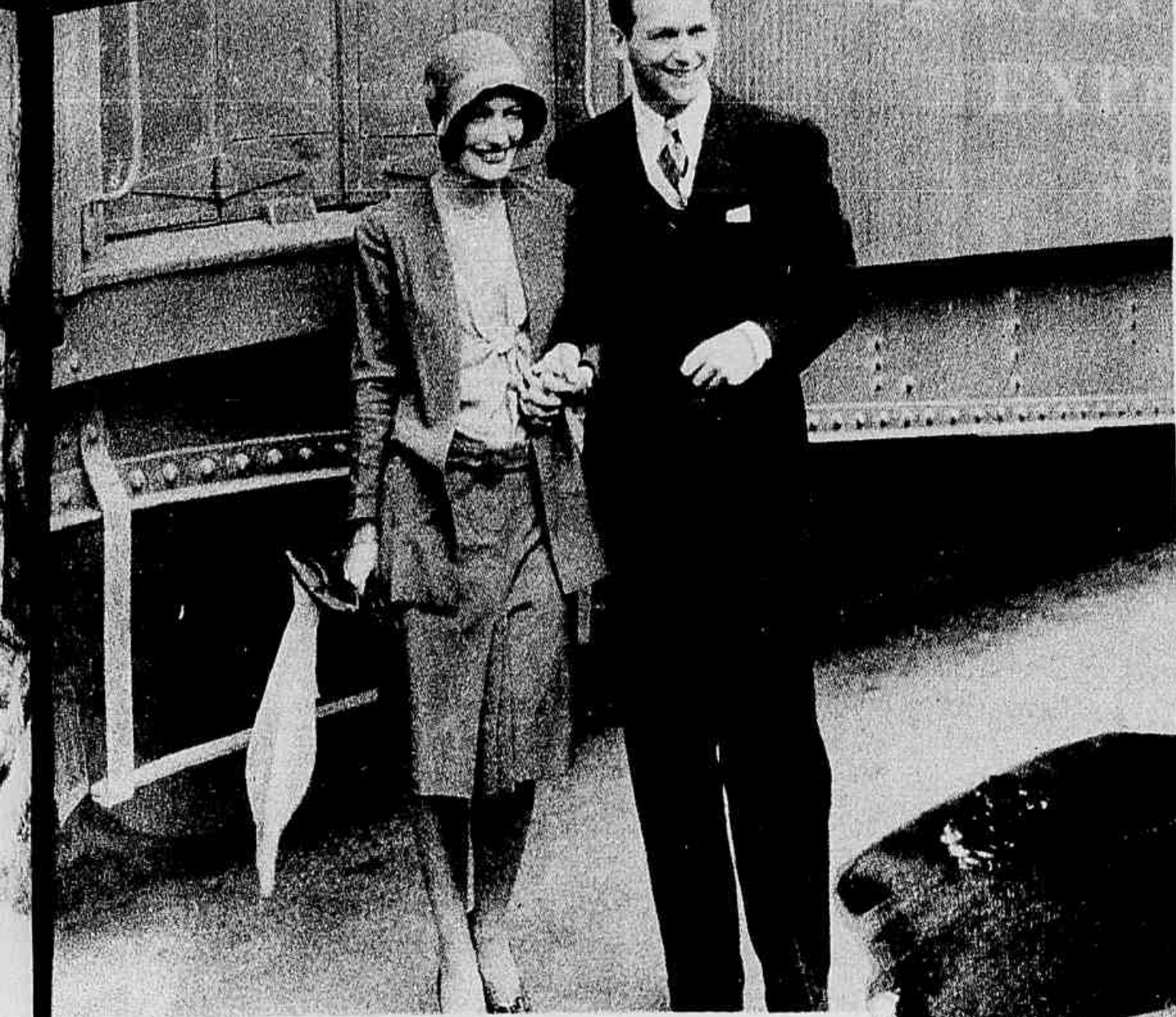
LI-

Um pouco de dynamite que a Allemanha mandou a Hollywood.

Rainha dos estudantes. Olha a boquinha della...

Colleen Moore, creadora do mais extravagante typo de melindrosa que o Cinema já apresentou.

O jardim é bonito. A neve já é muito conhecida...

Tem feito, ultimamente, um successo enorme. Seu film principal foi "Sweet Kitty Bellairs".

Claudia Dell, que loirinha bonita!

O casal mais feliz de Hollywood. Elle e a sua Joan.

Regras de Amor Conjugal

Procuramos Douglas Fairbanks Jr. e Joan Crawford, um dos casaes mais amorosos e mais felizes de Hollywood. Elle estava mettido num lindo roupão vermelho e ella, num "peignoir" azul celeste, delicioso. Elle acaba de ler, para a mulherzinha, as criticas dos jornaes sobre o ultimo film de seu pae, "Reaching for the Moon".

A scena passa-se num dos mais confortaveis appartamentos do St. Moritz Hotel, de New York, aonde os dois se achavam numa segunda viagem de nupcias, ou antes, numa segunda lua de mel e em descanço, igualmente. Seriam umas onze da manhã, se tanto e, com certeza, não era uma má hora para perguntar á um marido feliz alguma cousa sobre a felicidade conjugal...

— Confesso que detesto ser entrevistado sobre casamento.

Confessou-me Douglas Jr. O forte do seu caracter é a modestia expontanea e bonita das palavras e dos seus gestos. Jamais é rispido. Sua educação é finissima. Continuou, tentando ser brando nas suas explicações.

— Sempre se escrevem artigos sobre casando-se...

— Mas, apezar disso, o povo continua casadan-se...

Arrisquei.

— Falo, amigo, porque já se tem escripto muita cousa phantastica e mentirosa a respeito de Joan e eu.

Garanti-lhe que são seria um artigo assim que queria escrever e, muito menos, sobre Joan, a sua delicada e linda esposa, eu pensaria em escrever qualquer cousa menos airosa Não era isso que eu queria. Queria contar ao mundo, apenas, alguma cousa da felicidade que o casamento trouxera á ambos. Queria que Douglas me désse algumas regras para a felicidade domestica se é que elle as tivesse formadas.

— Quando Mencken casou-se, recentemente.

Disse-lhe, finalisando o argumento e citando um dos ultimos casamentos celebres.

— Elle declarou que a exclusiva regra para o feliz matrimonio é "ser delicado". O que acha disso?

Douglas Jr. pensou. Pouco. Respondeu, em seguida.

— E' uma questão de personalidade. Ou antes: das personalidades casadas. As rusgas dos matrimonios, creio eu, podem ser facilmente removidas com o sensato emprego da intelligencia. Acho que um dos segredos do feliz matrimonio e dar, ao mesum dos segredos do feliz matrimonio e dar, ao mesmo, a impressão de ser uma cousa prohibida, peccadora e não accreditarem, nunca, que aquella é uma união permittida, para toda a vida.

Eu já pensei no titulo do artigo. "Viva em peccado!" e dar isso como cousa do do Douglas Jr., para cabeçario do mesmo. Elle, entretanto, num daquelles sorrisos que mais o tornam parecido com o pae, continuou, avisando-me.

— Muita gente poderá interpretar mal estas minhas palavras. O que eu quero dizer, é que, depois do casamento, o interesse pelo mesmo casamento deve ser mantido sempre forte e sempre vivo. E' preciso que o marido tenha, pela esposa, o mesmo ardente amor e a mesma paixão que tinha quando a desejava, em namorado. A esposa jamais deve deixar de ser cortejada.

— Diz você com isso, Douglas, que o marido deve continuar mandando orchideas á esposa e deve continuar accompanhando-a ao theatro ou aos bailados classicos?

— Sim, naturalmente! E com maior impeto e maior ardor do que nunca. O casamento jamais deve matar o encanto do amor. No casamento, a impressão que o marido deve ter é que se não lutar e tudo fizer pela esposa, perdel-a-á. O ciume, neste caso, é um factor quasi que imprescindivel. Muito mais, ainda, na nossa carreira, quando temos que ver nossa esposa nos braços de outros homens e, assim, melhor ainda a amamos para termos a sempre certeza de que ella nos pertence de corpo é alma.

— Mas isto não tornará o amor menos seguro?

— Não. Fal-o-á mais firme do que nunca. Se você tiver um emprego, numa hypothese e você souber que o perderá, se não se applicar ao mesmo, você se tornará o mais deligente dos empregados para fazer jus ao mesmo, não é? Mas se você soubesse que não o perderia nem que o deixasse temporariamente abandonado, você teria o mesmo interesse? O casamento é, é si, uma verdadeira carreira para o homem ou para a mulher. Para se vencer, numa carreira, é preciso lutar, trabalhar, conquistar. O mesmo accontece com o casamento. Quando namoramos, fazemos planos bonitos, risonhos, admiraveis. E' preciso, casados, corporificar os mesmos e delles fazer uma realidade sempre e cada vez mais bonita. Caso contrario, cada minuto que passe tornará o casamento menos firme.

— Então você pensa que o casamento é uma carreira, tanto para o homem quanto para a mulher? Muitos, entretanto, ainda se guiam pela theoria de Byron: "O amor, na vida de um homem, é uma cousa a parte. Para a mulher, é a propria existencia".

— Isto pode ser verdadeiro, mas, amigo, pode não ser certo. A verdade é que o amor, para o homem, é a linha de defeza de menor resistencia, isso sim. Cumpre fortifical-a, sempre, antes que se rompa uma vez que seja. A philosophia de Byron não é honesta. E' preciso ser honesto comsigo mesmo, sempre, para conseguir manter o casamento afastado dos rochedos perigosos que provocam os naufragios certos. A camaradagem, no casamento, é o dom mais precioso para evitar essa queda.

(Termina no fim do numero)

"Patrulha da Madrugada", o seu papel predilecto.

Mais um que dá conselhos sobre o casamento.

NO BAILE DOS "ESFARRAPADOS"...

QUEM VIU "GAROTAS MODERNAS" E "DONZELLAS DE HOJE", JAMAIS SE ESQUECERA' DELLA.

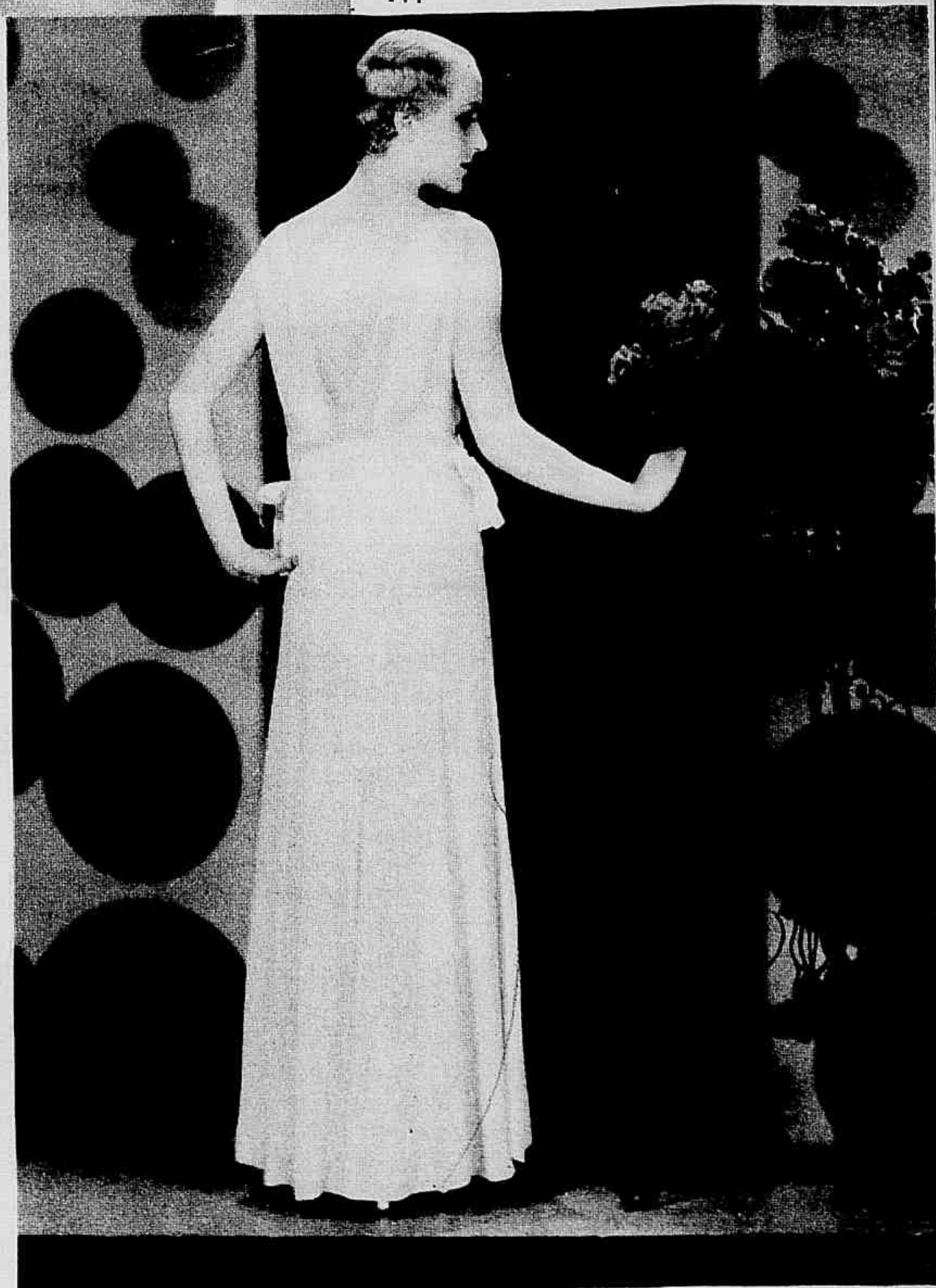
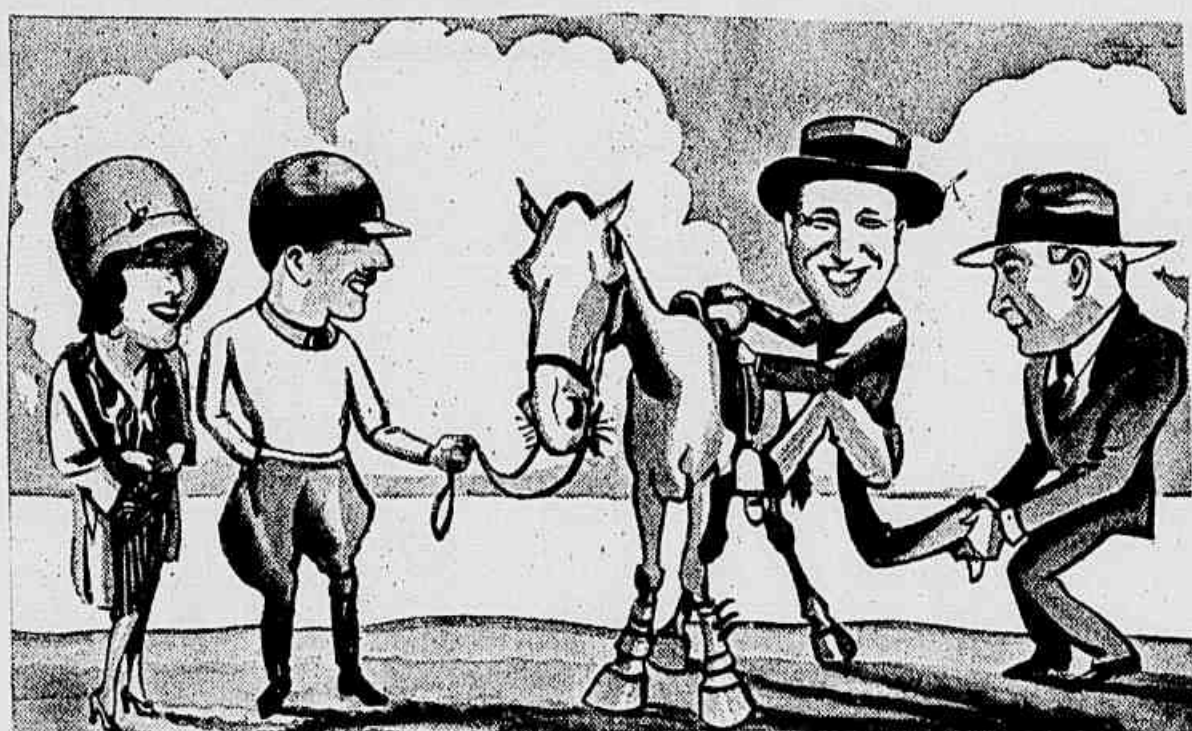
ANITA PAGE... SEUS LABIOS ESTÃO SEMPRE HUMIDOS... POR QUE?...

Eu queria estar ahi,
pertinho de "ocê",
Carole...

Não olha ahi!
Você,
fica feia!

Era Carol.
Agora é Carole...
O "e" é só
para augmentar
o "it"...

Para que
facão?
não
bastam
os seus
olhos
sempre
amortecidos,
sempre
mortaes?...

A tela em revista

Jack Oackie, Olive Borden e Skeets Gallagher em "O Leão da Festa".

CLAREANDO...

Logo que o film falado tornou-se uma calamidade liquida, isto é, realisada e indiscutivel, as agencias distribuidoras dos films, aqui, começaram a arranjar os meios melhores e mais acceitaveis para as suas exhibições. O processo do film "mudo", isto é, de voz cortada e com discos, acompanhando, tornou-se o mais empregado. Tirava-se a voz, entravam letreiros e, em lugar disso tudo, apenas o som e a musica, quasi sempre má.

Mais tempo se passou e, reconhecendo o erro, as agencias, algumas, mudaram de tactica. Passaram a enviar para as telas os seus films em versões faladas, inteirinhas, com letreiros sobre-postos, umas e intercallados, outras. E, assim, melhoram os films: deram-lhe a voz que tinha, no original, não mais tornando-os aleijões, portanto e, com o letreiro, tornavam de facil comprehensão o assumpto para qualquer desconhecedor do idioma inglez (a maioria, é logico!).

Hoje, com o Cinema falado bastante adiantado, ainda encontramos filmes "mudos": os da Fox, Universal (que ás vezes os exhibem falados). Os demais, com letreiros intercalados ou sobrepostos, isto é: os M. G. M., os Paramount, os United Artists, os Firts, etc.. Logo que a Fox e a Universal, pelas suas agencias daqui, resolveram adoptar o mesmo systema, teremos liquidada esta questão. Aliás, tirar a voz de um film como *Nada de Novo na Frente Occidental*, por exemplo, é refinada asneira, tanto quanto será tiral-a de *Liliom* ou *The Big Trail*. Porque o film foi feito para ter o complemento voz e, portanto, *emmudecido* torna-se fatalmente um aleijão.

O problema principal dessa questão, entretanto, é a total ausencia de musica dos programmas de Cinema, presentemente. Os films só têm sons, vozes e raros trechos musicaes. E' este o problema actual... A First National e a Warner já nos têm apresentado alguns com a musica em *long shot* (empregando linguagem de Cinema) mas não cremos que seja viavel. Prejudica a acção, com certeza e perturba aos que quizerem ouvir as vozes. O melhor meio, entretanto, será quando os productores reconhecem o erro em que laboram e, querendo accertar e ganhar publico, novamente, ponham voz apenas em logar dos letreiros e nos demais trechos silenciosos, uma synchronização perfeita, intelligente e caprichada. Ahi, sim! Para saber que o mundo ainda aprecia e quer o film silencioso, mesmo nos Estados Unidos, é só ler um pouco do successo formidavel, retumbante, majestoso que foi o film de Carlito, *silencioso*, lançado nos melhores Cinemas do mundo e, em todos elles, o *maior* successo de todos os tempos. Se os films tornassem ao silencio e, aos mesmos, accrescentassem uma phrase, um som, e, principalmente, uma musica correcta, ahi, finalmente, teriamos a verdadeira arte do Cinema resuscitada. Mas isto é difficil. Só mesmo se o publico quizer...

PALACIO-THEATRO

NEGAR NÃO POSSO (She Couln't Say No) — Film da Warner Bros. — Producção de 1930 — (Programma First National).

Winnie Lightner foi um assombro em *As Mordedoras*. Revelou-se uma comediante e uma artista de preciosos recursos. Deram-lhe um contracto de *estrella* e, sabe-se, mergulhou ella, incontinenti, na seria de producções fracas que caracterizam as artistas que se fazem *estrellas*. (Haja visto o que succedeu com Bebe Daniels, Clara Bow, Richard Dix e tantos outros...).

Este, *Negar não Posso*, é fraco. Não mantem o prestigio da *estrella* e nem justifica o elenco que tem: Chester Morris, Sally Eilers. Johnny Arthur e Tully Marshall. A direcção, talvez ella, foi a maior culpada do fracasso. E' despida de colorido e não tem originalidade alguma. Lloyd Bacon é bem fraquinho como megaphonista.

Apesar disso, entretanto, ainda salvam-se alguns instantes alegres e o sorriso possivelmente tingirá seu rosto de alguma alegria.

Argumesto de Benjamin Kaye. Adaptação de Robert Lord e Arthur Caesar.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

Em *reprise*, *O Homem e o Momento*, com Billie Dove e Rod da Rocque.

ODEON

Em *reprise*, *tivemos Mulher de Brio*, com Greta Garbo e John Gilbert. Films estupendos que fazem tanta saudade e põem tanta agua na bocca dos verdadeiros *fans*...

IMPERIO

Em *reprise*, *Um Romance de Veneza*, com Chevalier e *Noivado de Ambição*, com Nancy Carroll.

GLORIA

GAROTA ESPERTA (Not so Dub) — Film M. G. M. — Producção de 1929.

King Vidor tem contracto com a M. G. M., é obrigado a dirigir. A's vezes, dão-lhe enredos como o de *The Big Parade*, outras, como o de *A Turba* ou *Alleluia*. Estes ultimos casos, rarissimas vezes. Mas de outras, apanha elle material como este, por exemplo e, ahi, é o diabo!...

Além disso, este film foi seu primeiro film falado. Nota-se, nelle, já que não é dos mais modernos que nos são apresentados, muito pouco da agitação que já vemos nos de hoje e, ainda, um relativo excesso de dialogos. Entretanto, o material, apesar de um tanto ou quanto arido e desprovido de bilheteria, não foi totalmente maltratado por King Vidor que, afinal, fez o que poude com o que lhe deram e com Marion Davies, coitadinha.

A historia, Constance Talmadge já a fez, ha annos, em forma silenciosa, com Sidney Franklin na direcção. Mas, desta, Marion Davies é secundada por Raymond Hackett, Elliott Nugent (o galã!), Franklin Pangborn, Donald Ogden Stewart (o escriptor de peças consagradas nos Estados Unidos), Sally Starr e alguns outros, entre elles William Holden.

Ha momentos acceitaveis, como a partida de bilhar, a descripção do argumento Cinematographico, feito por Franklin Pangborn e a fuga de Sally Starr. Os outros, enfadonhos, exhaustivos e cacetissimos, diga-se. E' o typo do film que não tem a mais simples nesga de bilheteria. King Vidor, honra lhe seja feita, lutou como um leão: merece cousas melhores, entretanto.

Argumento de George Kauffman e Marc Connelly. Scenario de Wanda Tuchock.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

SUPREMA RENUNCIA (Guilty) — Film da Columbia — Producção de 1930 — (Programma Matarazzo).

Um film para o Gloria, realmente. E' *passatempo* e nem sempre bom. A direcção de George B. Seitz é demasiadamente *standard*, demasiadamente simples para conseguir chamar a attenção e mesmo um bom argumento, nas suas mãos, tornar-se-á vulgar.

Na interpretação, Virginia Valli, a esposinha de Charlie Farrell, muito bem e sempre bonita. Ella é uma das razões pelas quaes devemos apreciar certos trechos do film. John Holland é um galã demasiadamente frio, demasiadamente inglez... John Sainpolis, sincero como sempre na sua creação. Ha um dos classicos *feudos* tão explorados pelo Cinema e, no final, um salvamento de ultima hora para não deixar de ter mais um elemento popular para a direcção de George B. Seitz explorar.

Erville Alderson é o velho rival. Richard Carlyle apparece.

Argumento extrahido da novella *The Black Sheep*, de Dorothy Howell. Operador, Teddy Tetzlaff.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

PATHÉ-PALACIO

O CORAJOSO (El Valiente) — Film da Fox — Producção de 1930.

A melhor versão hespanhola que já se exhibiu em nossas telas. Melhor, apesar dos seus defeitos, porque tem um assumpto realmente interessante e uma interpretação boa, principalmente por parte de Juan Torena, um dos raros artistas hespanhoes de representação sobria e gesticulação photogenica.

Angelita Benitez, feia, mas sympathica, a infallivel Maria Calvo, mal collocada no elenco, Carlos Villarias e outros de menor importancia, figuram.

A direcção de Richard Harlen é boa e tem certos aspectos curiosos, como aquella sentença que o condemna á morte.

O film tem um excesso de dialogos e, sem duvida, isto por causa da sua origem theatral.

Póde ser visto. O caso do assassinato que Juan Torena perpetra está mal explicado, mas apesar disso não prejudica totalmente o film.

As versões originaes são sempre melhores, mas Juan Torena e a direcção tornam este film assistivel.

COTAÇÃO: — 6 pontos.

CAPITOLIO

CORAÇÃO ARDENTE (Das Brenende Herz) — Film da Ufa — Producção de 1930 — (Programma Urania).

Um drama de amor com uma parte explorando o elemento sciencia: um novo ramo de radiotelephonia. E' um argumento possivel e com seus pontos agradaveis. As situações são quasi todas bastante violentas, impressionantes.

Gustav Froelich, é a primeira figura do film e faz seu papel com muita perfeição. Mady Christians, comquanto um pouco fóra do seu genero, tambem não vae mal. As scenas finaes são representadas com muita realidade.

COTAÇÃO: — 6 pontos.

Trajes de banho

Os pyjamas de côres vistosas dão hoje a nota chic nas praias de banhos; elles alliam a elegancia ás mais rigorosas exigencias dos que condemnam o uso do simples *maillot* fóra d'agua...

Mas, por isso mesmo que estão constantemente exposto á luz viva do sol e á agua salgada, pelo contacto com o *maillot,* após o banho, é de absoluta vantagem que as suas côres sejam fixas, isto é, que sejam tintos com

Indanthren

o corante que garante a insuperada fixidez das côres. Exijam dos fornecedores a etiqueta registrada Indanthren, unica segurança de que os tecidos foram tintos com os corantes Indanthren.

LADRÃO

Assim mesmo ha muita gente que fala hespanhol, em Hollywood...

Se perguntassem, naquellas redondezas dos bosques do Norte por Louis le Bey, ninguem conheceria. Ninguem saberia dizer quem elle era. E' que só o conheciam por Louis, o raposa e, isto, pela sua fina argucia e seu tacto ardiloso.

Todos o estimavam, ali. Era generoso, ousado, valente e musculoso. Protegia os fracos, estimava aos velhos, era o maior amigo das criançinhas e só dava demonstração de bons instinctos. Ninguem lhe conhecia um mau passo, um tom de mau caracter. Louis era bom. Apenas isto sabiam os que ali moravam

Na noite da festa do seu anniversario, Louis viu, pela primeira vez, a Nedra, filha do millionario mineiro Ruskin. Num instante seus olhos de fogo não se desprenderam mais della. Naquelle rosto suave, meigo, amoroso, elle distinguia qualquer cousa que o fascinava, que o cegava de paixão. Mesmo Woolie-Woolie, uma mestiça que muito o queria e á quem elle ás vezes voltava suas attenções, não conseguiu afastar seus olhos della. Nedra fascinava-o. Já não havia mais remedio...

—o—

Em perseguição aos ladrões daquellas redondezas, achava-se a figura energica e recta do sargento Mooney, official dos mais intrepidos e estimados das redondezas. Os roubos, na mina de Ruskin, são constantes e vultuosos. E, cada vez mais, cahem sobre Louis as suspeitas da lei.

Nada, entretanto, daquillo que ali imanavam, era positivado. Não se encontrava um só rastro certo para seguir.

Louis era apenas tido como "possivel" ladrão. Woolie-Woolie, entretanto, ciumenta e cruel, faz agravar estas suspeitas com uma sua declaração. E ella a faz, num só impeto. louca de colera e de ciumes, já suppondo que fosse Nedra a namorada e possivel futura esposa de Louis.

Perseguido, Louis consegue evadir-se e em plenas neves, nas montanhas e nas florestas congeladas, encontra elle refugio para seu corpo, caça humana que a lei cobiçava, injustamente.

A sympathia de Nedra por Louis, entretanto, crescera demais. Ella já não podia mais passar um só dia sem o ver, sem o ouvir. Já que elle não se achava mais ali, ao seu lado, embora ella nem siquer suspeitasse da origem da sua ausencia, soffria ella, calada, essa ausencia e apenas Woolie-Woolie é que sabia comprehender bem essas lagrimas...

Dias depois, ella e seu pae resolvem fazer uma visita ás minas, puxados a trenó e, em meio da mesma, são impellidos para uma cabana deserta, ou suppostamente deserta, aonde se abrigam até que passe a violenta tempestade que assola aquella região toda.

Mooney, igualmente, em perseguição de Louis, tomba do animal que cavalga e, infeliz, parte uma perna.

Louis, o verdadeiro habitante daquella cabana, percebe todo o movimento de chegada de "hospedes" inesperados e, percebendo, tambem, que Mooney está imprestavel e será devorado pelos lobos, se ali o deixar, até á noite, arrisca-se, corajosamente e, salvando-o, condul-o para a cabana aonde já se acham Ruskin e Nedra.

A surpresa della, naquelle momento, é irreprimivel e nesse instante é que elle comprehende que tambem é amado.

—o—

Depois deste beijo, Nedra não se esqueceu mais do seu querido Louis.

"Para que serve isto?"

"Se fazes um gesto, mato-te!"

(MONSIEUR LE FOX) — FILM DA M. G. M.

GILBERT ROLAND .... Louis
Rosita Ballesteros .... Nedra
Rafael Navarro ....
Maria Calvo ....
Manuel Conosa ....

Director: — HAL ROACH

Mooney, em conversa com Ruskin, conta-lhe que Louis é tido como verdadeiro ladrão das suas minas. A surpresa maior, não a tem o velho, porém. Tem-no Nedra, apaixonada por elle, que não supporta semelhante idéa e repelle-a, naquelle mesmo instante, com paixão e interesse declarado.

Depois dessa noticia, mais impaciente do que nunca para chegar ao seu destino, Ruskin ordena que seu trenó seja novamente equipado e, com Nedra, desafiando a tormenta, dirige-se para as minas que considera mais do que nunca expostas.

Seguidos de perto por Louis, que teme um desastre para a sua amada, são assaltados, sem o esperar, por violento vendavel e, sepultados por violenta avalanche de novo, teriam

IRRESISTIVEL

morrido se não fosse, mais uma vez, a opportuna e intelligente intervenção de Louis, que, salvando-os, condul-os novamente para sua propria cabana, desta feita.

——o——

No instante em que abre a porta e penetra o recinto, Louis é cercado por soldados da policia montada e é preso, com agrado de Ruskin e profunda magoa de Nedra que já o ama, apaixonadamente.

Não ha remedio. E' dada a voz de prisão e, naquelle instante, Nedra, que o sabe innocente, sente-se com forças apenas para um gesto: beijao, impetuosa e jura-lhe que confia na sua honestidade. Louis corresponde ao seu carinho, jura-lhe a sinceridade das suas affirmações e, impassivel, acompanha os soldados para a chefatura que aguarda a sua chegada.

——o——

Lá, condemnado por todas as suspeitas que são contra si, Louis é condemnado á varios annos de prisão.

Dias depois, entretanto, recebendo a visita de sua amada, conforta-se mais e quando lhe avisam de que o reverendo Bircombe, um padre daquellas redondezas, o quer ver, tem a sensação desagradavel de que é chegado seu ultimo instante de vida

A conversa que o reverendo traz para elle, entretanto, é bem outra. Sabia elle, pela confissão de um criminoso que não a fizera em segredo religioso, que o ouro não fôra roubado por Louis e, sim, pelo mesmo, já fallecido. Ainda mais, tinha o mappa do local aonde o mesmo se achava e, assim, livrava, com este lance, Louis das garras da justiça.

Faz o reverendo as mesmas declarações diante da lei e, solto Louis, depois de lhe pedirem innumeras desculpas pelo mau juizo feito, e, mais, acompanhade elle pela gratidão do sargento Mooney, dirige-se elle á casa de Nedra, e, sem que mais palavras dissesse, cahe-lhe nos braços macios e apaixonados e colla, nos seus labios, o beijo mais apaixonado, mais ardente e mais carinhoso que já dera em toda sua vida.

Seu pae, sorridente, contempla tudo aquillo e planeja, mesmo, fazel-o gerente geral de todos seus negocios, já que elle era tido como o "raposa", o rapaz mais arguto, mais intrepido e mais ousado de todas aquellas redondezas...

"Wollie, não tenhas ciumes!"

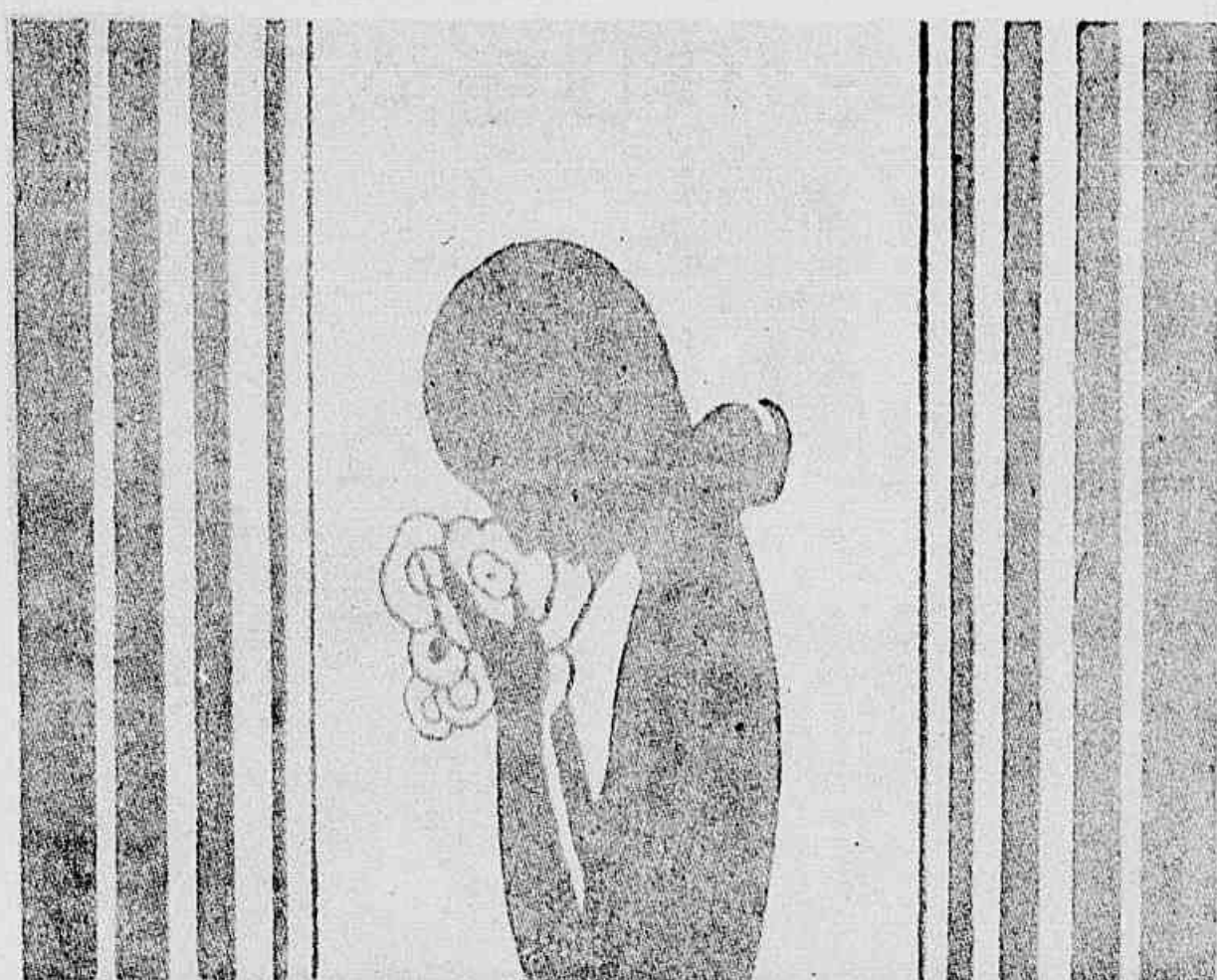
"Quem é essa mulher que trazes para aqui?"

"Entrega-te, Louis!"

"Querida ainda me queres muito?"

卍 Os Studios inglezes planejam fazer 120 films durante 1931.

卍 "Salvation Neil", da Tiffany, será dirigido por James Cruze e terá Helen Chandler como protagonista.

卍 Em "Skippy", da Paramount, Robert Coogan, irmão mais moço de Jackie, apparecerá.

O roubo do diamante

(F I M)

(THE BIG DIAMOND ROBBERY) (FILM DA F. O. B.

TOM MIX	Tom Markham
Kathryn Mac Guire	Ellen Brooks
Martha Mattox	Tia Brooks
Frank Beal	George Brooks
Ernest Hillard	Stevens
Barney Furey	Barney
Ethan Laidlaw	Chick

Director: — GENE FORDE

muito adoentado e que a quer ao seu lado. Ellen, sem mais cogitações, apanha a joia que não quer abandonar, tanto mais que Tom ali não se acha e dirige-se incontinenti para a estação afim de apanhar o primeiro comboio que a levasse para a companhia de seu querido pae, falsamente dado como doente.

Em meio do caminho, tem a surpresa de se ver assaltada por um bandido, de rosto velado e usando as mesmas roupas daquelle que a assaltara na sahida da diligencia. São as roupas de Tom, roubadas, que um sicario de Stevens usa para assaltar Ellen e, depois, culpar Tom. No instante em que vae roubar a joia, entretanto, surge Tom, que, de proposito, afastara-se para tudo inspeccionar melhor e, comprehendendo melhor do que ninguem o caso do roubo das suas roupas de brincadeira, elle atira-se ao bandido e, dominando-o, em poucos segundos recupera a joia e conduz o homemzinho para a fazenda, preso.

Lá, têm a surpresa, Ellen e a certeza, elle, de ver Stevens ha muito fugido dali e, comprehendendo finalmente a situação, Ellem, que ha muito já ama a Tom, não resiste á insistencia do seu olhar e dá-lhe espontaneamente, o primeiro beijo de amor.

Semanas depois celebrava-se o casamento.

Phillips Holmes, um novo galã

(F I M)

os labios. Queria amar e ser amado, confesso. Não posso procurar uma cousa que tem que vir por si, entretanto. Preciso esperar que a occasião atire-se aos meus pés. Garanto-lhe, entretanto, que não a desperdiçarei... Emquanto não chega o amor, entretanto, eu vou me dedicando solidamente á minha carreira.

— Você chegou, Phillips, á um ponto que realmente me interessa. Quaes são os papeis que mais lhe agradam?

O espaço que occupou, pensando, foi rapido. Respondeu, em seguida.

— Francamente, aquelle que mais me agradou, até agora, foi aquelle rude malandro que interpretei em Her Man, ao lado de Helen Twelvetrees. Acho que, naquelle papel, fiz, para minha arte, alguma cousa differente das outras e radicalmente differente, realmente. O film que agora estou fazendo, ao lado de Nancy Carroll, realmente, é um dos mais formidaveis que tenho feito, ao menos isto me parece pelas scenas que temos feito. Acho, entretanto, que o papel não me dá muita margem, porque é alguma cousa que calha muito com o meu proprio espirito e, assim, não poderei representar e terei que ser eu mesmo. Talvez isto tolha algo dos meus recursos.

Quando o relogio marcou meia-noite, elle me disse, olhando-o.

— Meia-noite! Que cousa cacete! Imagine que tenho que estar ás 8 da manhã no Studio, prompto, maquillado e preparado para entrar em scena... E' melhor irmos, não acha?

Olhei-o. Achei, sem saber porque e sem querer, mesmo, uma graça immensa nelle. E' que eu comprehendo, apenas agora, a serie immensa de imposições que o Cinema tem sobre seus artistas e como sabe ser soberano, impondo-se aos mesmos...

Chegámos ao hotel aonde elle se acha hospedado Despedimo-nos, ao passo que o faziamos, dava-me elle a certeza de outras opiniões sobre assumptos que interessam aos fans, sem duvida. Foi a procura do somno e eu a procura da redacção. Escrevendo estas linhas, agora, não posso fugir de me lembrar da agradabilissima noite que passei em companhia de Phillips Holmes, um novo galã do Cinema.

Ella fala do divorcio e do casamento

(F I M)

honra lhe seja feita, jamais interferiu com qualquer cousa que eu quizesse fazer e eu, tampouco, jamais me mettia com assumptos delle. Em negocios particulares, um do outro, jamais nos mettemos.

— Para Jim, entretanto, se eu houvesse influido em alguns dos seus negocios, particularmente os financeiros, tenho certeza que em muito teria melhorado sua vida.

— Felizmente, posso dizel-o, tenho, hoje, mais de um milhão de dollars de fortuna. Em Agosto do anno passado eu fui além de um milhão, mesmo. Jim, entretanto, apesar de ter ganho fortunas enormes, com seu precioso trabalho, tem bem pouco a contar, agora...

— Meus seis annos de casada com Jim, deram-me idéas fixas sobre cousas que eu quero fazer e sei que faço.

— Não acredito que a edade possa ter qualquer influencia numa felicidade conjugal. Meu proximo marido, assim, terá que ser mais joven do que eu. Pode ser tambem mais velho, pouco importa. Minha avó era 10 annos mais velha do que meu avô. Jamais vi casal tão unido e tão feliz! Meu pae era 18 annos mais velho do que minha mãe e, igualmente, viveram em paz sagrada, posso dizer.

— Meu segundo marido, entretanto, deve ser um marido sufficientemente habil para vestir-me com os vestidos mais caros e mais lindos que eu queira e deve ganhar o sufficiente para me dar um lar montado com todas as minhas exigencias. Não admittirei um marido á minha custa. Acho isto muito pouco decente. Não exijo, concordo o luxo que tive nos meus ultimos annos de casada com Jim. Mas quero um extremo conforto, com certeza Elle jamais deve se preoccupar com o quanto eu ganho ou com o quanto eu tenho de fortuna. Deve lutar para nós dois, com grande enthusiasmo. Casarei com separações de bens: Jamais traria meu segundo marido para este meu lar, fruto dos meus esforços e ganho com meu dinheiro. Se o seu ganho lhe permittisse algo tão luxuoso, viveriamos num local mais modesto, não faria io. Se o seu dinheiro não lhe permittir creadagem, viverei sem elles. Mas quero viver a sua custa. Isto é que é.

— A mulher que sustenta o marido é cavadora da sua propria desgraça. Casamentos assim, duram muito pouco.

— Não digo isto com espirito egoista, não. Falo com a voz da experiencia. Eu não me poderia sentir feliz num lar que eu sustentasse, a toda hora vendo um homem que vivesse á minha custa. Sacrifico-me em luxo e conforto, entretanto, pelo amor do amor e isto em qualquer occasião em que me appareça esse homem.

— O homem que se casar commigo tem que ser tolerante. Deve ser altruista. Deve ser attencioso e imaginoso. Antes de mais nada, entretanto, deve ser fiel á mim. E' o mais importante.

— O meu maior prazer, na vida é o meu trabalho. Chegará o dia em que o publico não mais me quererá ver. Ahi eu iniciarei um negocio qualquer que continue agitando os dias de minha vida e, nesse instante, então, quero ter ao meu lado esse bom marido que procuro.

— Este meu amor ao trabalho é a razão pela qual eu creio, sinceramente, que não serei uma boa esposa. Este marido perfeito que descrevi, para mim, tambem não creio que exista. Se o achar, entretanto, tentarei o casamento, mais uma vez.

— Falam em Hugh Trevor. Por emquanto estou estudando-o...

Regras de Amor Conjugal

(F I M)

Perguntei a Douglas Jr., a seguir, se elle não achava que pessoas de differentes carreiras é que poderiam, casadas, ser as mais felizes.

— Depende. E' questão de temperamento pessoal. Muitos casaes são mais felizes quando a esposa dedica-se exclusivamente ao lar. Outros, por suas vezes, vivem melhor tendo cada qual sua profissão, independente do casamento. O mais certo é procurar a categoria a que você pertence e, depois, então, procurar acertar o passo e jamais ferir a susceptibilidade da companheira que escolher. O maior peccado, no mundo, é ferir o amor proprio de qualquer pessoa. Se a pessoa for a sua esposa, este peccado passará a ser o mais negro de toda a sua vida. Amor, delicadeza e amisade, camaradagem, devem ser os unicos e

Conclue no proximo numero)

O mysterio de Greta Garbo

Continuará no proximo numero.

Cinema de Amadores

(FIM)

bios e as maçãs do rosto muito vermelhas poderão ser trazidas ao seu verdadeiro valor de tonalidade, com o auxilio de um filtro.

Não se julgue que o que fica ahi acima seja um argumento contra os filtros. Estamos apenas collocando as coisas nos seus devidos logares. Quando começámos a empregar o film panchromatico para os trabalhos photographicos, cada photographia era apanhada atravez de um dos oito filtros de que se compunha a nossa caixa. Aos poucos fomos porém descobrindo que havia qualquer coisa errada com a maioria das provas. E assim começámos a estudar melhor os nossos filtros e a só empregal-os quando o assumpto requeresse. As photographias melhoraram, mas os oito filtros ainda são levados na caixa, apezar, de só serem usados quando precisos.

Para a luz artificial, poucas vezes torna-se necessario o emprego de um filtro, excepto para effeitos especiaes. A luz já por si é amarella se empregarmos as incandescentes, e quasi do mesmo valor correctivo que um filtro K-1. Segue-se, porém, que, se empregarmos um filtro com a luz artificial incandescente, o valor correctivo será augmentado. Um K-1 dará tanta correcção como um K-2, e um K-2 como um K-3.

Para um rendimento absolutamente correcto das côres, os fabricantes recommendam o uso do filtro K-3 (4½ x) porém, todo amador notará que até o 1½ x dará resultados satisfatorios. Os filtros 3x e 4x podem ser guardados para uma occasião em que se necessite maior correcção, ou quando a luz seja tão forte que até uma abertura de diaphragma a F: 16 possa dar super-exposição. Esses casos podem dar-se nas praias no mar ou nos climas tropicaes. O uso de filtros mais densos que o 1½ x, sob condições normaes de luz, permittirá o emprego de uma abertura maior, e evitará defeitos indesejaveis nos shots artisticos. Além dos filtros amarellos, ha uma quantidade de filtros de outras côres, o que porém, não interessará ao amador.

No entanto, para o amador que desejar um pouco mais que simples filtros amarellos, o filtro vermelho A dará muito bons resultados. Apezar do film panchromatico ser seis vezes mais sensivel ao vermelho que o film commum, elle derá lindos effeitos quando se necessitar de uma pequena sub-exposição.

Para os que se interessam pela photographia de nuvens este film dará resultados perfeitos. A sua côr reduz o azul do céu a um escuro que faz sobresahir todos os claros das nuvens, memo as invisiveis á vista.

As vistas distantes de montanhas nevadas ficam claras e detalhadas, atravez de um filtro A. A neblina atmospherica parece desapparecer completamente. Os photographos empregam muito o filtro A para a photograhia de edificios e arranha-céus contra um céu muito azul ou muito escuro.

Isto poderia suggerir o emprego de filtros para **scenas de noite**, feitas á luz do dia. Para taes shots, deve-se evitar qualquer nuvem, porque essa mataria a **impressão da noite, dada pelo céu muito escuro**. O amador não deve ter medo de um pouco de sub-exposição em taes shots, mas tambem não pensar que esses shots devam ser feitos só com sub-exposição porque o azul do céu precisa ser reduzido, e só o filtro poderá fazel-o.

Os effeitos de luar tambem são obtidos dessa maneira, dirigindo-se a camara directamente contra a luz, mas com as lentes resguardadas dos raios directos do sol, por meio de um quebra-luz. O effeito será particularmente harmonioso se for possivel incluir os reflexos prateados do sol nas ondas do mar. Os pôres do sol tambem são feitos desse modo, com a differença de não se tornar necessario o quebra-luz.

Ha muitos casos em que o amador terá problemas a resolver, semelhantes ao da photographia da carteira de cigarros. Esses probelmas são resolvidos da mesma maneira apontada acima, tanto para a Photo como para a Cinematographia. Apenas, neste ultimo caso, a luz precisa ser mais forte porque no Cinema não ha o recurso das chamadas exposições de tempo.

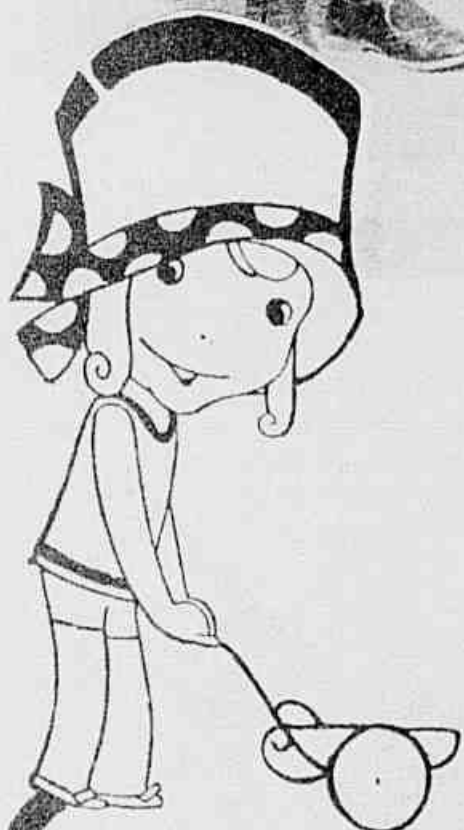
Outro flitro muito util é um côr de ambar cujo factor é 5x e que trabalha com o film panchromatico, exigindo a mesma exposição que os filtros A. Elle dá os mesmos resultados que o filtro vermelho, e é mesmo preferivel a este ultimo, quando se torna necessario accentuar mais os amarellos. As mesmas considerações a respeito do filtro A podem ser applicadas a este ultimo, côr de ambar, o qual deve ser usado da mesma maneira, e para os mesmos fins.

Os chamados filtros para "effeitos de luz", que na realidade não são propriametne filtros, geralmente são classificados como filtros especiaes. Elles permittem a realização do iris, do "fog" ou neblina, do iris de diffusão, e muitos outros. O uso de taes filtros requer accessorios especiaes, e a descripção de taes accessorios não cabe nestas linhas.

O expresso da morte

(FIM)

nha, soltam-nos em direcção ao expresso que vem subindo, conduzido por Monte e trazendo, nelle, o **Rato.** Num relance, percebendo o plano, Monte faz o que o dever lhe **manda**, naquelle momento. Desliga os carros da locomotiva e, assim, evitando que soffram os passageiros quaesquer damnos, atira-se contra os carros com a locomotiva, apenas. No instante do choque, entretanto, elle salta da machina e, escondendo-se, evita a propria morte. O grupo de Limpy tenta liquidar o **Rato**, para que elle não fale. A intervenção inopinada de Monte estragalhes os planos, novamente e o **Rato**, raivoso contra o collega que assim o queria terminar, conta que fôra elle Limpy o assassino verdadeiro do Hollandez. Immediatamente, Monte vae avisar a penitenciaria sobre a innocencia de Bill. Para isto, como era impossivel o transporte immediato para lá, installa elle uma estação telegraphica improvisada e consegue, assim. evitar a execução de Bill.

Tempos depois, quem visse passar o expresso Grayhound, veria Monte ao lado do seu grande amigo Bill, feliz e amoroso ao lado da sua querida esposa, a loira e meiga Edna que elle ha tanto e tanto amava.

Os Sonhos de Natal

O sonho lindo de todas as crianças, na quadra festiva do Natal, é a figura veneranda do velho Papae Noel. Em cada criança vivem sempre, por esse tempo, um desejo, um anseio, uma esperança, para a posse de um cubiçado brinquedo que o velhinho das longas barbas brancas traz escondido no sacco de surpresas. — Vou ganhar uma boneca! — sonha a menina. — Vou receber um trem de ferro! — deseja o menino. E cada brinquedo é um motivo de desejo para a noite risonha do Natal. Ha, porém, uma cousa cubiçada por todas as crianças — é o

ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1931

Publicação das mais cuidadas, unica no genero em todo o mundo, o

ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1931

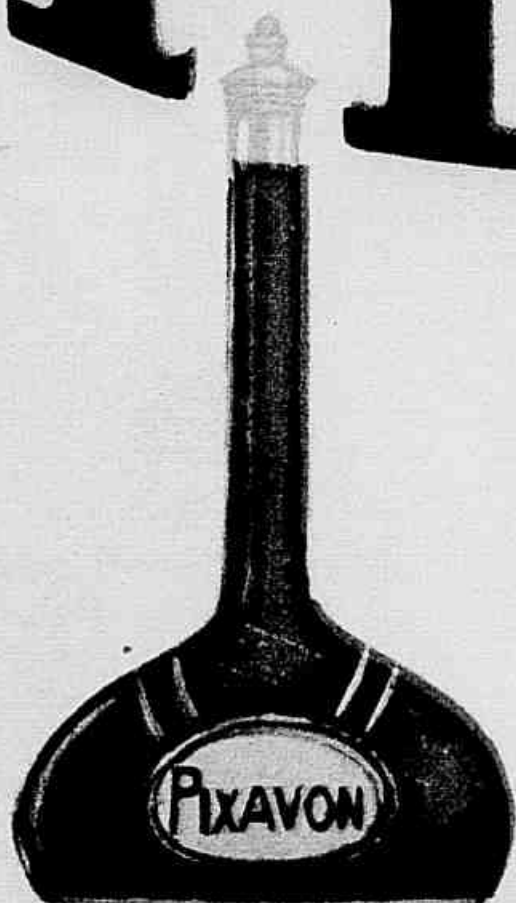
que está á venda, em todo o Brasil, é um caprichoso album cheio de contos, novellas, historias illuastradas, sciencia elementar, historias e brinquedos de armar. Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamin, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco, Faustina e outros personagens tão conhecidos das crianças tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

O Almanach d'O TICO-TICO para 1931

está á venda em todos os jornaleiros do Brasil, mas, se houver falta nesses jornaleiros, enviem 6$000 em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do Correio á

Gerencia d' O Almanach d' O TICO-TICO

Rua da Quitanda, 7 — Rio — que receberão logo um exemplar.

PREÇO: 5$000 —— Pelo Correio: 6$000.

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON